

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

CAMILE LANZA DE PAULA

O MITO DO RAPTO DE PERSÉFONE: REESCRITAS, RECONTOS E TRADUÇÃO



UNICAMP

CAMPINAS
2021

CAMILE LANZA DE PAULA

O MITO DO RAPTO DE PERSÉFONE: REESCRITAS, RECONTOS E TRADUÇÃO

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas,
como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras – Português.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Érica Lima

CAMPINAS
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

D34m De Paula, Camile Lanza, 1993-
O mito do rapto de Perséfone : reescritas, recontos e tradução / Camile Lanza de Paula. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Érica Lima.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lefevere, André, 1945-1996. 2. Tradução e interpretação na literatura. 3. Mitologia grega. 4. Arte - Mecenato. I. Lima, Erica Luciene Alves de, 1968-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The myth of the abduction of Persephone: rewritings, retellings and translation

Palavras-chave em inglês:

Lefevere, André, 1945-1996
Translating and interpreting in literature
Mythology, Greek
Art patronage

Titulação: Licenciada

Banca examinadora:

Andressa Furlan Fernandes
Bruno Mendes dos Santos

Data de entrega do trabalho definitivo: 06-12-2021

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família: meus pais, Maria Lúcia e José Pedro, meus irmãos, Duto e Biel, meu marido Bruno e sua família. Percebo cada vez mais que o maior privilégio na vida é ter o suporte daqueles que amamos e que nos amam. Nunca poderia ter me tornado quem sou sem o apoio e o incentivo incondicional de vocês. Obrigada por embarcarem comigo nas aventuras e loucuras que invento.

Agradeço à Unicamp, à turma de Letras 2017 e às amigas que a universidade me trouxe, em especial Mariana e Andressa, que tornaram a caminhada da graduação mais leve e conseguiram fazer com que até os sofrimentos fossem divertidos.

Por fim, agradeço à minha orientadora, Prof^a Dr^a. Érica Lima, pela paciência e dedicação com as quais me guiou no processo de escrita desta monografia. Muito obrigada por compartilhar seus conhecimentos, acolher minhas angústias e tornar um processo, que em geral é estressante, em algo do qual me orgulho tanto. Agradeço também aos pesquisadores que compuseram a minha banca, Andressa Furlan Ferreira e Bruno Mendes dos Santos, por aceitarem ler e dar contribuições ricas ao meu texto.

Resumo

A mitologia grega é uma parte importante de nossa sociedade ocidental. Por seus temas serem tão amplos e sua natureza tão fluida, ao longo de nossa história, contamos e recontamos mitos, para melhor compreender a nós mesmos e o mundo que nos rodeia. Um exemplo disso é o mito do rapto de Perséfone, que foi retratado e recontado de várias formas, sendo transformado de diferentes maneiras em cada reconto. Neste trabalho, exploramos algumas reescritas e traduções desse mito. Com o apoio de teorias e conceitos de Estudos da Tradução, como a discussão sobre fidelidade na tradução e o conceito de mecenato, proposto por Lefevere, analisamos algumas das motivações e consequências das escolhas feitas pelos autores e tradutores ao recontar o mito. Quatro recontos em prosa e quatro adaptações intersemióticas foram escolhidas para esta pesquisa. A seleção dos materiais foi feita considerando o público-alvo, a estrutura e o propósito das obras, para que pudéssemos analisar como o mito se transformou e quais foram os possíveis motivos e efeitos dessas transformações. Nossa pesquisa mostrou que as escolhas feitas pelos autores e tradutores foram influenciadas por valores estéticos, ideológicos, culturais e econômicos, e que essas escolhas podem ter um impacto direto na experiência dos leitores e consumidores desses recontos, traduções e adaptações.

Abstract

The Greek Mythology is an important part of our Western Society. Because their themes are so wide and their nature so fluid, throughout our history, we told and retold myths, to better understand ourselves and the world around us. An example of that is the myth of the abduction of Persephone, that was depicted and retold in many forms, being transformed in different ways in each and every retelling. In this undergraduate dissertation, we explore some retellings, rewritings and translations of this myth. With the support of translation studies theories and concepts, like the discussion of fidelity in translation and the concept of patronage, proposed by Lefevere, we analyse some of the motivation and the consequences of the choices the authors and the translators made when retelling and rewriting the myth. Four prose retellings and four intersemiotic adaptations were chosen for this research. The selection of the materials was made considering their target audience, their structure and purpose, so we could analyse how the myth was transformed and what were the possible motives and effects of these transformations. Our research showed that the choices made by the authors and translators was influenced by aesthetics, ideological, cultural and economic values and that these choices can have a direct impact on the experience of people who are consuming these retellings, translations and adaptations.

Lista de imagens

Figura 1: Hades e Perséfone no curta-metragem The Goddess of Spring, de 1934	6
Figura 2: Zeus e Hades, no filme Hércules, animação da Disney lançada em 1997.	6
Figura 3: Capas das edições brasileiras.	20
Figura 4: O Livro da Mitologia, Philip Wilkinson et al, pág. 50 e 51, 2018.	24
Figura 5: Contracapa de Mitologia para quem tem pressa.	25
Figura 6: O rapto de Perséfone por Hades cercado de deuses em uma hídria (vaso de água) de figuras vermelhas, 340–330 a.C. Met museum.	38
Figura 7: O Retorno de Perséfone, 350 a.c.	39
Figura 8: Figura 8: O rapto de Perséfone por Hades em um vaso de figuras velhas, com Hermes e seu caduceu liderando o caminho.	40
Figura 9: O mural do Rapto de Perséfone por Hades, na Tumba I, sob o Great Tumulus em Vergina, Aigai. Datado do século IV a.C.	40
Figura 10: Obra de Walter Crane usada para ilustrar O livro da Mitologia.	41
Figura 11: Encontro de Hades e Perséfone, do quadrinho The Goofy Gods Comics.	45
Figura 12: Quadrinho Punderworld, da autora Linda Sejic, postado em diversas plataformas, como Instagram, Tapas e Webtoon.	47
Figura 13: Hades e Perséfone tirando uma foto juntos, do quadrinho Lore Olympus, divulgado na plataforma Webtoon.	51
Figura 14: Produtos para fãs da webcomic Lore Olympus, disponíveis na loja Hot Topic.	51
Figura 15: Poster do jogo Hades.	52

Sumário

O mito do rapto de Perséfone: reescritas, recontos e tradução.....	1
Lista de imagens.....	1
Introdução.....	1
Capítulo 1 - Mito e reconto.....	4
Capítulo 2 – O mito “O rapto de Perséfone”	13
Capítulo 3 – Recontos do mito.....	20
Capítulo 4 – Outras traduções intersemióticas do mito.....	43
Considerações finais.....	55
Referências Bibliográficas	58

Introdução

Desde os primórdios, a humanidade cria histórias para entender o mundo ao seu redor e explicar suas origens. A maioria das civilizações tem uma mitologia própria, um conjunto de histórias que falam sobre a criação e o fim do mundo, o surgimento da vida e os mistérios da morte. Além de oferecer explicação de fenômenos naturais, as mitologias¹ também eram fonte de conforto e ordenação da vida, e continham valores e elementos da cultura de uma sociedade. Os mitos são, portanto, uma expressão da natureza humana em busca de significar aquilo que nos cerca e de nos ajudar a lidar com a alegria e a dor, a vida e a morte, com o misterioso e o extraordinário, a fim de descobrir o que e quem somos, qual nosso propósito na Terra e qual será nosso fim.

Ainda hoje, as mitologias antigas têm um papel de destaque em nossa civilização ocidental. Embora muitos de nós já não acreditemos nas explicações dadas por algumas dessas mitologias, elas são parte da nossa cultura, e ainda estão muito presentes na arte, na literatura, nas ciências da natureza, na psicologia, nos esportes e em diversos outros campos de conhecimento. É por isso que as histórias de deuses, heróis, monstros e criaturas fantásticas ainda geram curiosidade e interesse, e ocupam grande espaço na mídia e na cultura em geral.

Por ser parte tão importante de nossa sociedade, a mitologia - em especial a grega, que será abordada neste trabalho - continua a ter seus temas explorados através dos tempos, seja em pinturas, esculturas, livros, filmes, séries de televisão, peças de teatro, músicas ou vestuário. Das artes gregas ao renascimento, de animações da Disney a Percy Jackson, Harry Potter e histórias em quadrinhos, a mitologia grega continua a ser contada e disseminada, reescrita e adaptada, transformada para atender nossa eterna necessidade de contar histórias e entender a nós mesmos.

Cada vez que um mito é recontado e representado, elementos novos são incorporados, pois as novas versões foram produzidas em uma época específica com uma estética e valores específicos. Deste modo, a intenção deste trabalho é tentar capturar os fatores que podem ter influenciado os recontos e a tradução

¹ A mitologia é entendida aqui como conjunto de histórias, diferente de Mitologia, que é o estudo dos mitos.

do mito do rapto de Perséfone e quais efeitos eles causam na recepção e na interpretação do público leitor.

Esse exercício de análise e interpretação, além da busca de fatores externos que influenciam a elaboração e a publicação de uma obra, vão ao encontro do que a Base Nacional Comum Curricular, de 2017, propõe para o ensino da Educação Básica. Segundo o documento,

O exercício da interpretação – de um texto, de um objeto, de uma obra literária, artística ou de um mito – é fundamental na formação do pensamento crítico. Exige observação e conhecimento da estrutura do objeto e das suas relações com modelos e formas (semelhantes ou diferentes) inseridas no tempo e no espaço. (BRASIL, p. 399 e 400)

Além de estar presente como objeto de conhecimento em Língua Portuguesa, como gênero a ser estudado, aparece também como objeto de estudos das Ciências da Natureza, História e Ensino Religioso, e prevê que os alunos desenvolvam habilidades de

(EF09CI15) Relacionar diferentes leituras do céu e explicações sobre a origem da Terra, do Sol ou do Sistema Solar às necessidades de distintas culturas (agricultura, caça, mito, orientação espacial e temporal etc.) (Ciências da Natureza, p. 351)

(EF06HI03) Identificar as hipóteses científicas sobre o surgimento da espécie humana e sua historicidade e analisar os significados dos mitos de fundação. (História, p. 421)

(EF05ER02) Identificar mitos de criação em diferentes culturas e tradições religiosas. (Ensino Religioso, p. 451)

(EF05ER03) Reconhecer funções e mensagens religiosas contidas nos mitos de criação (concepções de mundo, natureza, ser humano, divindades, vida e morte) (Ensino Religioso, p. 451)

Podemos perceber então que o estudo da mitologia atravessa diversas disciplinas da Educação Básica, o que mostra a sua importância e relevância ainda nos dias de hoje, seja para entender como os antigos interpretavam o mundo, seja por apreciação literária, ou por oferecer conhecimento sobre

diferentes organizações de religião. O estudo do mito, portanto, permite um trabalho interdisciplinar e colabora no desenvolvimento de uma postura reflexiva sobre nossa história, nossas origens, além de contribuir para a formação de um cidadão crítico.

Tendo isso em vista, no presente trabalho, vamos abordar como o mito do rapto de Perséfone, geralmente associado à explicação do surgimento das estações do ano, foi recontado em quatro obras sobre mitologia e em quatro adaptações intersemióticas. Procuramos analisar como cada obra foi construída e traduzida, quais possíveis influências sofridas nas reescritas e os efeitos de sentido e de experiência de leitura causados no público leitor.

As quatro obras sobre mitologia, nas quais contêm o mito do rapto de Perséfone, foram escolhidas levando em consideração público-alvo, estrutura do texto e objetivo de publicação. Procuramos selecionar obras de divulgação, de caráter acadêmico e literário. Deste modo, elegemos quatro obras que se diferenciavam bastante entre si, para perceber como esses aspectos influenciaram nas reescritas. As adaptações intersemióticas foram escolhidas por serem recontos atuais e que têm ganhado um público cada vez maior, o que evidência o fascínio que o mito exerce ainda hoje.

Após a escolha das obras de mitologia, optamos pelo cotejo e comparação entre as quatro, analisando excertos e imagens com base na fundamentação teórica escolhida, como será mostrado no desenvolvimento deste trabalho. As adaptações intersemióticas também foram analisadas de modo a destacar como elas transformaram alguns aspectos do mito, e quais os possíveis motivos e consequências dessas alterações.

Para pensarmos a respeito das reescritas, recontos e traduções do mito do rapto de Perséfone, no próximo capítulo discutiremos a natureza fluida dos mitos, questões importantes de tradução, que atravessam os conceitos de fidelidade e de mecenato (ou patronagem), para então, nos capítulos subsequentes, abordarmos o mito do rapto de Perséfone em si, suas versões e interpretações, e posteriormente, tratarmos da análise propriamente dita dos recontos e adaptações do mito, tendo sempre em mente os elementos que possivelmente influenciaram sua produção e recepção.

Capítulo 1 - Mito e reconto

O conceito de mito, embora possa parecer claro para todos, muitas vezes é considerado vago e insatisfatório por estudiosos de Mitologia. Como propõe Bremmer (1987), podemos pensar os mitos como narrativas tradicionais relevantes para uma sociedade, criadas por povos antigos com o intuito de entender ou ordenar o mundo, e que agora fazem parte da tradição cultural desses povos. Segundo Dowden e Livingstone (2011) a palavra *mythos* se refere a um conjunto de histórias gregas a que se chamam convencionalmente de mitos. Os mitos, no entanto, não são histórias isoladas, mas fazem parte de uma rede de narrativas que interagem entre si, sendo um sistema de referências e intertextos (DOWDEN; LIVINGSTONE, 2011, p.4). Essa rede de narrativas é chamada também de mitologia. Para Frye (1983 apud Burnett, 2016, p.28), existem dois aspectos do mito: sua estrutura narrativa, que o caracteriza como literatura, e a sua função social de transmitir conhecimentos importantes para uma sociedade.

Apesar de chegarem até os dias atuais principalmente através da escrita, na Grécia Antiga, os mitos eram originalmente histórias contadas oralmente em frente a uma plateia (BREMNER, 1987). Além de serem uma tradição oral – ou talvez por isso -, não possuíam uma narrativa fixa, mas estavam em permanente estado de fluxo, passando por diversas mudanças ao serem contados e recontados por diferentes pessoas, em diferentes lugares e épocas (HARD, 2004). As versões dos mitos que chegaram até nós foram eternizadas por poetas, como Homero, ou mitólogos, que reuniam e sistematizavam em prosa alguns mitos em uma narrativa lógica, como feito na Biblioteca de Pseudo-Apolodoro, um dos únicos guias sobre mitologia da Antiguidade a chegar até nós (HARD, 2004).

Além dos registros escritos, muitas representações dos mitos em esculturas, vasos, monumentos, ajudam a construir e enriquecer as narrativas, que muitas vezes chegaram de forma incompleta aos dias de hoje. Além disso, esses artefatos nos dão pistas da importância cultural dos mitos para os gregos, de como eles faziam parte do dia a dia das pessoas e quais mitos e deuses eram mais cultuados em cada local.

Ainda hoje, a mitologia é muito importante para a civilização ocidental, já que não só ofereceu um modelo de pensamento e organização de mundo, mas também uma forma de pensar a narrativa, de nos conectar com a psicologia e entender alguns

fenômenos do que significa ser humano. Por ainda ter um papel de destaque em nossa cultura, nosso contato com os mitos gregos se dá de diferentes maneiras, desde livros com um viés mais histórico a adaptações para filmes infantis. Assim, as histórias assumem diversas formas e sofrem adaptações a fim de se encaixar a cada propósito. Deste modo, nosso contato com a mitologia grega raramente se dá através das “fontes originais”, e sim de recontos ou reescritas.

Pestell, Palazzolo e Burnett colocam que

An examination of the way myths are adapted and translated, then, reveals as much about the attraction of myths as it does about the socio-cultural and political discourses of the host society, both within creative retellings across media and in the act of cultural interpretation that linguistic translation involves. (2016, p.4)²

Desta forma, assim como os mitos sofriam alterações e eram adaptados dependendo da plateia, da ocasião, do local e da época, os recontos também são, pois irão assumir formas que condizem com os interesses literários e culturais da sociedade em que são criados.

Um exemplo é a representação de Hades, o deus grego do Submundo, que segundo Bennett (2017, p.4) teve sua imagem alterada através dos séculos para se encaixar na lógica cristã da dicotomia entre o bem e o mal. Antes associado com a morte, e com as riquezas que podem ser encontradas debaixo da terra, Hades passou a assumir um papel parecido com o do diabo cristão. Hard (2004, p.107) coloca que para os gregos antigos, Hades não era visto como inimigo da humanidade, e não era intrinsecamente mau, mas um deus justo e severo, não muito diferente de seus irmãos, Zeus e Poseidon, vistos atualmente com olhos mais bondosos.

Em algumas adaptações mais recentes dos mitos gregos, Hades com frequência assume o papel de vilão, em oposição a Zeus, o deus benévolo, como nos filmes de animação da Disney “The Godess of Spring” de 1934, em que Hades é representado com chifres, semelhante à imagem comum do diabo; e Hércules, de 1997, em que Hades é um deus invejoso que quer tomar o lugar de Zeus no Olimpo.

² Um exame do modo como os mitos são adaptados e traduzidos, então, revela tanto sobre a atração pelos mitos, quanto sobre os discursos socioculturais e políticos da sociedade anfitriã, não só nos recontos criativos através das mídias, como também no ato de interpretação cultural que a tradução linguística envolve. (Texto traduzido por mim. Todos os excertos sem tradução para o português presentes neste trabalho são traduções minhas).



Figura 1: Hades e Perséfone no curta-metragem *The Goddess of Spring*, de 1934³



Figura 2: Zeus e Hades, no filme *Hércules*, animação da Disney lançada em 1997.⁴

Além dessas apropriações mais livres e criativas dos mitos, há também os recontos que tentam narrar as histórias como elas eram conhecidas pelos gregos. Como Hard (2004, p.1) aponta, mesmo na Grécia Antiga os mitos tinham uma variedade enorme de versões:

³ Disponível em: <https://nickdiak.com/2020/10/between-the-seasons-disneys-silly-symphony-the-goddess-of-spring-and-depictions-of-greek-mythology/> . Acesso em 24 de nov.2021

⁴ Disponível em: <https://sites.google.com/site/mariachildrenslit2014/disney-digital-project-hercules> Acesso em 24 de nov.2021

The individual myths within this broad framework could be recorded in a variety of forms; even within the earlier literature, between the time, say, of Homer and that of Euripides, they could undergo a multitude of variations, and later developments could also leave their mark. Although powerful versions might tend to establish themselves in the general imagination at the expense of others (...) it is almost always misleading to talk as if there could be a standard version of a myth that was set in stone from some early time.⁵

Sendo assim, os recontos podem se tratar de uma versão específica, ou de uma combinação de diversas versões. Alguns são mais claros quanto a essa combinação, fazem referência e discutem as demais variantes, enquanto outros narram o mito como se fosse uma versão única. Essas posturas, tanto quanto as escolhas para combinar as versões, são guiadas por inúmeras motivações, que dizem respeito não só à intenção de publicação, o público-alvo, mas também a uma adequação ao contexto. Alguns recontos de livros de mitologia para crianças censuram as partes mais violentas e sexuais, enquanto outras, com um viés mais acadêmico, fazem uma reconstrução histórica, citando lugares onde os mitos eram mais populares, datam as versões e oferecem imagens de artefatos, tanto gregos quanto modernos, que possuem representações do mito tratado.

As inúmeras adaptações de histórias da mitologia grega, segundo Pestell, Palazzolo e Burnett (2016)

attest to myth's malleability and capacity for movement across cultures and media, from high to popular genres. It is this capacity that makes myth's afterlives particularly significant, as mythic tales morph and adapt to express each society's specific concerns, beyond Jung's universalizing archetypes.⁶

⁵ Os mitos individuais dentro dessa ampla estrutura podem ser registrados em uma variedade de formas; mesmo na literatura mais antiga, entre a época, digamos, de Homero e a de Eurípides, eles podem ter passado por uma infinidade de variações, e desenvolvimentos posteriores também deixaram sua marca. Embora versões poderosas possam tender a se estabelecer na imaginação geral às custas de outras (...), é quase sempre falso falar como se pudesse haver uma versão padrão de um mito que foi gravado em pedra em um tempo antigo.

⁶ atestam a maleabilidade e capacidade dos mitos de se movimentarem através de culturas e mídias, de gêneros populares a eruditos. É essa capacidade que faz com que a sobrevivência dos mitos seja tão significativa, já que os contos míticos se transformam e se adaptam para expressar as preocupações de cada sociedade, para além dos arquétipos universalizantes de Jung.

Além de refletir preocupações e interesses de seus tempos, as adaptações e reescritas⁷, como coloca Lefevere, são

corresponsáveis, em igual proporção que os escritores, pela recepção geral e pela sobrevivência de obras literárias entre leitores não-profissionais, que constituem a grande maioria em nossa cultura globalizada (2007, p.13).

A reescrita, segundo Lefevere e Basnett-Mcguire (1990, p.10 apud AMORIM, 2005, p. 27) também contribui para a construção de uma imagem do autor e da obra literária. Essa imagem seria a “projeção de um trabalho original ou de um autor em uma dada cultura e que frequentemente exerce mais influência que o original” (LEFEVERE, 1992, p.110 apud AMORIM, 2005, p.27). Isso parece especialmente verdadeiro quando levamos em consideração que que nosso contato com os mitos gregos se dá mais frequentemente por meio dos recontos do que pelas fontes originais.

Podemos pensar, então, no que Amorim sugere, com base nas considerações do filósofo estadunidense Richard Rorty: “já não podemos mais opor, simplesmente, a realidade à sua imagem, pois aquela somente pode ser conhecida nas relações entre suas (possíveis) imagens” (2005, p.26). Assim também, os mitos gregos não podem ser dissociados de suas adaptações, reescritas e recontos.

Como os mitos têm essa característica tão específica de maleabilidade, e são vastamente recontados e adaptados, talvez por serem muito antigos, ou talvez por terem nascido da tradição oral, a questão da relação original/reescrita se coloca de uma maneira bastante interessante.

Desta forma, neste trabalho, procuramos explorar alguns questionamentos a respeito da tradução de recontos: Como são feitas as reescritas dos mitos? Qual o propósito delas? Como se dá a tradução de cada adaptação? O que muda de um conto para outro, em questão de público, contexto de produção, intencionalidade do autor?

⁷ A tradução de “rewriting” por “reescritura” foi questionada em alguns trabalhos (por exemplo, o de Cristina Carneiro Rodrigues, 2011). O termo “reescrita”, além de ser mais comum, tem sido mais adotado na área, razão pela qual optamos por adotá-lo neste trabalho. O termo “reescritura” será mantido nas citações, acrescido de [reescrita], de forma a reiterar a nossa escolha.

Para pensar essas questões, recorreremos à fundamentação teórica de Lefevere, quando trata de mecenato, além de outros autores que discutem os conceitos de fidelidade, como será visto a seguir.

Tradução, fidelidade e mecenato

A necessidade de traduzir é uma constante em nossa sociedade. Lefevere coloca que “reescritores sempre estiveram presente entre nós” (2007, p.15), desde os gregos antigos até os dias de hoje. Apesar disso, a tradução não é uma questão somente de verter um texto em uma outra língua, e existem várias questões que envolvem a prática tradutória e a reescrita de textos.

Essas questões já estavam presentes nos primeiros registros sobre a prática tradutória, feitos pelo retórico e político romano Cícero (106 – 43 a.C). Ele afirma que, em sua tradução dos pensadores gregos, assumiu uma postura de orador, e não de intérprete, já que não se prendeu a traduzir palavra por palavra, e sim as ideias gerais do texto (MUNDAY, 2016, p.31). McElduff (2009, p. 139 apud MUNDAY, 2016, p. 31) coloca que, na Roma antiga, os intérpretes tinham um status social abaixo dos oradores, por serem menos educados e, portanto, terem uma compreensão mais pobre de outras línguas, os levando a traduzir palavra por palavra, uma forma considerada pouco refinada em comparação com a tradução das ideias gerais.

Munday (2016) cita outros intelectuais, como Horácio (65 a.C – 8 a.C) e São Jerônimo (c.347 d.C) que falam sobre a dicotomia entre traduzir palavra por palavra (ou tradução literal) e sentido por sentido (tradução livre). Essa dicotomia, ainda que transformada, prevalece atualmente, e está permeada pela questão da fidelidade ao texto original. Siscar coloca que

a lógica do pensamento sobre a tradução pode ser entendida como a de um gesto "platônico", segundo a interpretação de Antoine Berman (1986). A tradução é platônica na medida em que promove a separação entre o corpo e o sentido, instaurando um processo em que ao abandono do corpo corresponde à tentativa da manutenção do sentido. A tradução é, assim, tradicionalmente, vista como transferência de significados. Traduz-se, por definição, quando são transferidos os sentidos de um corpo para um outro corpo, de uma língua para outra, de uma formulação para outra, de um sistema de signos para outro. Aquilo que se perde é justamente o acontecimento

original desse sentido ligado de maneira frágil e inquietante à materialidade do corpo ou da letra. (2001, p. 86)

Assim, a tradução, muitas vezes, é entendida também como *mimesis*, no sentido platônico, ou seja, uma cópia, uma imitação, uma projeção do mundo das ideias, um texto secundário, “mero simulacro do original” (SISCAR, 2001, p. 87). Assumpção coloca que esse princípio “sustentou a noção de tradução como uma representação da representação, a duplicação do significado do original para um outro significante.” (2017, p. 16).

Essa visão de um original “superior” e da tradução como uma mera imitação ainda permeia o senso comum, e induz o pensamento de que a tradução deve ser como um espelho, que reflete a imagem do objeto original de forma perfeita. Mais do que um espelho, Norman Shapiro coloca que tradução deve ser uma vidraça, tão transparente que não parece ser um texto traduzido (SHAPIRO apud VENUTI, 2008, p. 1).

Essas abordagens levam em consideração uma equivalência entre línguas que não pode ser constatada na realidade. Amorim (2005) usa o filósofo estadunidense Rorty (2000 apud AMORIM, 2005 p. 25) para combater essa concepção, afinal, as coisas que existem no mundo não podem ser definidas por si só, mas em sua relação com outra, assim, a realidade não escapa dessas relações, não pode estar acima delas, mas é concebida por elas. Se não existe uma realidade anterior que possa ser acessada, então não é possível mais opô-la à sua imagem projetada no mundo real. Nesse sentido, Siscar coloca que, ao reavaliarmos o problema do original, entende-se que

não haveria texto ou sentido original antes de uma leitura. Aquilo que chamamos original se estabelece e se modula segundo as diversas interpretações de um texto que, dessa maneira, perde qualquer essência ou significado intrínsecos. O sentido do original é o sentido que lhe atribui um leitor ou uma determinada situação interpretativa, um determinado contexto de leitura. O argumento pode ser resumido da seguinte maneira: não existe original *antes* de sua tradução; é a tradução que, de alguma maneira, *cria* seu original. Assim, podemos dizer que a teoria da tradução atual usa a “leitura” como antídoto ao logocentrismo platônico. (2001, p. 87)

A fim de combater a noção de tradução como reflexo, Lefevere (2007) introduz o conceito de refração. Em física, refração da luz é um fenômeno que consiste na mudança de velocidade da luz ao atravessar a fronteira entre dois meios de propagação, causando uma distorção na imagem. Assim, em vez de um reflexo perfeito do original, ao atravessar a fronteira de línguas e culturas, um texto traduzido se assemelha ao original, mas tem distorções, produz uma outra imagem.

Amorim coloca que

Lefevere (2007), em seus estudos sobre traduções literárias, ressalta que a prática tradutória não é apenas um “reflexo” de significados dados a priori, mas um processo no qual a identidade do texto original pode ser “refratada”, em graus variados, em virtude não somente das diferenças entre línguas, mas também das motivações de natureza ideológica, oriundas do tradutor, das editoras ou mesmo do quadro cultural mais amplo que subjaz às expectativas em torno da recepção da tradução propriamente dita. (Amorim, 2015, p. 156)

Milton (2015) acrescenta ainda exemplos de refração:

uma obra clássica receberá traduções, resumos, críticas. Será plagiada, e cópias de segunda categoria serão feitas. Numerosas versões infantis e censuradas podem aparecer. Adaptações cinematográficas, teatrais, no rádio e na TV podem ser feitas. Um videogame pode ser inventado (p. 36)

Traduzir então, é mais que verter um texto para outra língua, é reescrevê-lo, dentro de um outro contexto, que envolve diferentes ideologias. Assim, os reescretores, ou tradutores, adaptam e manipulam o original com o qual trabalham para adequá-las à poética e à ideologia da época e do lugar (LEFEVERE, 2007, p. 34).

Sendo assim, para Lefevere, a busca da fidelidade na tradução é utópica e inútil, já que ela nada mais é que a junção de uma certa ideologia com uma certa poética. Ele coloca que “de fato, longe de serem ‘objetivas’ ou ‘livres de julgamento’, como seus defensores nos levariam a acreditar, ‘traduções fiéis’ são frequentemente inspiradas por uma ideologia conservadora” (2007, p. 87). Ou seja, levando em consideração que a reescrita não está descolada de sua realidade, a fidelidade não pode ser encontrada no texto em si, e o que interessa ao autor é muito mais observar

a interação entre a cultura e a manipulação dos textos do que a verificação ou o julgamento se uma palavra foi traduzida apropriadamente.

Nesse sentido, Lefevere trabalha com o conceito de mecenato, que deve ser entendido como “algo próximo dos poderes (pessoas, instituições) que podem fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura [reescrita] de literatura” (2007, p. 34). O mecenato, algumas vezes traduzido também como patronagem, é constituído por três elementos que interagem entre si: o ideológico, o econômico e o de status. Esses elementos ditam como as reescritas serão feitas e se elas terão sucesso entre o público.

Segundo o autor

As obras literárias canonizadas serão as mesmas, mas as reescrituras [reescritas], por meio das quais elas são preservadas para seu público, diferem às vezes de forma radical. É bastante comum que os clássicos sejam apresentados como adequados por ideologias e poéticas diferentes, à medida que elas sucedem umas às outras, sendo de fato pressionadas a seu serviço. Obras literárias escritas a tempo suficiente podem, portanto, "exibir" uma inteira concatenação de reescrituras [reescritas] contraditórias. (2007, p. 40 e 41)

Levando em consideração que, em se tratando de grande parte das obras clássicas, é possível encontrar um original único e que sofreu poucas alterações, quando pensamos nos mitos, que em sua natureza são mutáveis e que têm muitas versões diferentes que surgiram no decorrer do tempo, o processo de reescrita pode gerar uma infinidade de textos diferentes, com interpretações, estéticas e ideologias bastante distintas.

Pensando nisso, este trabalho pretende abordar a questão do mecenato nas reescritas do mito do rapto de Perséfone, tentando observar como cada reconto se apropriou do mito e o transformou, e quais foram as possíveis motivações e impactos dessas mudanças. Antes, porém, iremos discutir um pouco do mito em si e de questões que podem ter um impacto na reescrita dele.

Capítulo 2 – O mito “O rapto de Perséfone”

Assim como a maioria dos mitos gregos, o mito do rapto de Perséfone tem muitas versões. A história, que conta como o deus Hades raptou a filha de seus irmãos, Deméter e Zeus, e a tornou sua esposa, é o mito principal de Hades.

Como é um deus diretamente relacionado com a morte, os gregos evitavam falar seu nome por medo de atrair má sorte, assim Hades tinha muitos epítetos, como: Aidoneu ou Edoneu, que significa “o invisível”; Plutão, que significa “o rico”, por sua associação com as riquezas da terra, seja daquilo que brota do chão ou o que pode ser minerado dele; Polidegmo ou Polidectes, todos com significados parecidos com “o hospitaleiro”, “aquele que recebe muitos” e Eubouleus, o sábio conselheiro. Ele também era chamado de Zeus do Submundo, ou O outro Zeus (HARD, 2004, p. 108).

Hard (2004) coloca que Hades era muito pouco cultuado na Grécia e raramente representado na arte grega. Quando o é, com frequência carrega um cetro ou uma chave para representar sua autoridade. Além disso, suas feições quase não se diferem da de Zeus.

Perséfone, por outro lado, pela relação com sua mãe Deméter, a deusa da agricultura, era bastante cultuada ao redor da Grécia, principalmente em Elêusis. A associação entre as duas era tão forte que muitas vezes eram referidas somente como “as duas deusas” ou “as duas Deméteres”. Perséfone era também conhecida como *Kore*, Coré ou Cora, que significa “donzela”. A deusa parece ter duas facetas, a virgem Coré, que colhe flores nas campinas, e a temível Perséfone, nome que assume após se tornar esposa de Hades, que significa “aquela que traz destruição” (GRAVES, 2017).

A versão mais antiga e mais completa do mito do rapto de Perséfone é a dos Hinos Homéricos, compostos entre os séculos VI e VII a.C. De acordo com Thais Rocha Carvalho, no curso de extensão de inverno “O Hino Homérico a Deméter e suas deusas”⁸, oferecido em julho de 2020 pela USP e do qual participei, os Hinos Homéricos são compostos por 33 poemas dedicados a 22 divindades do panteão grego, os maiores são em homenagem à Afrodite, Apolo,

⁸ Link de divulgação do curso de inverno da FFLCH – USP “O Hino Homérico a Deméter e suas deusas” <https://sce.fflch.usp.br/node/3698>

Deméter e Hermes. Os hinos não têm autoria marcada ou conhecida e são chamados de homéricos pela semelhança na forma com as poesias homéricas. Em conteúdo, são mais próximos à Teogonia de Hesíodo, por contar a história dos deuses. Eram geralmente performados para uma audiência em banquetes, festivais, competições de poesia e podiam servir de prelúdio de outros poemas maiores.

“O Hino Homérico a Deméter” narra o rapto de Perséfone e a busca de Deméter por sua filha que a leva até Elêusis, onde funda os Mistérios de Elêusis. Foi descoberto em Moscou, em 1977, escrito num papiro, chamado Mosquensis, datado do século XV d.C. Algumas partes do papiro foram perdidas.

Segundo Carvalho (2020), a versão do mito dos Hinos Homéricos se diferencia em algumas passagens da versão mais tradicional. No geral, o mito é entendido como a explicação para o surgimento das estações do ano.

No começo do mito⁹, Perséfone ainda é chamada de Coré. Ela faz uma atividade comum às virgens: brinca e colhe flores na campina. Segundo Carvalho (2020) as campinas são associadas ao desejo sexual, a Eros e Afrodite. É também um lugar onde as meninas inocentes se distraem e podem sofrer ataques de homens mais velhos. Esse cenário se repete em outros mitos.

Enquanto Coré brinca, Gaia, por vontade de Zeus, faz surgir um lindo narciso. Quando a moça estica as mãos para colhê-lo, a terra se abre, e da fenda aparece Hades em sua carruagem e rapta a menina. Nenhum deus ou mortal ouviu o choro e os pedidos de socorro de Coré, somente Hécate, que estava em sua caverna, e Hélios, o deus do sol, que, de sua posição privilegiada, vê tudo o que ocorre na terra e nos mares. Assim, ela é levada por Hades, com o consentimento de seu pai, Zeus.

Após o desaparecimento da filha, Deméter, carregando na mão grandes tochas, busca Coré por 9 dias sem descanso, sem comer, beber ou se banhar. Nenhum dos deuses queria lhe contar o paradeiro da filha, com medo de interferir nos planos de Zeus, que via na união de Hades e Coré uma oportunidade de estender seu controle ao Submundo, onde não tinha acesso nem autorização para entrar. No décimo dia, Hécate procura Deméter e diz que, embora não

⁹ O breve resumo do mito apresentado nesse trabalho foi feito a partir da tradução do grego e da discussão dos Hinos Homéricos a Deméter por Thais Rocha de Carvalho, disponibilizada no curso “O Hino Homérico a Deméter e suas deusas” (2020)

tenha visto o ocorrido, conseguiu, de sua caverna, ouvir os gritos de Coré. As duas vão até Hélios, que conta a Deméter o plano de Zeus de casar Coré com Hades. Ele acrescenta ainda que ela não deve se entristecer pelo matrimônio da filha, já que Hades é um deus poderoso, com um reino próprio.

Furiosa com Zeus e tomada pelo dor da perda da filha, Deméter se transforma em uma velha senhora e parte para Elêusis, onde se oferece para cuidar do jovem príncipe Demofonte, filho do rei Celeu e da rainha Metaneira. Seu plano é conferir imortalidade ao bebê, como forma de punir Zeus. Ela besuntava Demofonte com ambrósia, e à noite, o cobria de fogo. O príncipe crescia forte, como uma divindade, e seus pais não sabiam o que se passava quando Deméter cuidava dele.

Uma noite, a rainha Metaneira, mãe de Demofonte, se espreita e vê Deméter colocando o filho no fogo. Ela fica chocada com a cena e grita de desespero. Deméter se enfurece com Metaneira por interferir, já que, agora descoberto, seu plano terá que ser abandonado. Ela diz à mãe que seu filho não será mais imortal, mas terá dons especiais por ter recebido os cuidados de uma deusa. Deméter então se revela, e para aplacar sua raiva, ordena que seja construído um templo em seu nome na cidade de Elêusis, onde ela irá conduzir ritos que serão conhecidos como os Mistérios de Elêusis.

Ainda saudosa da filha, Deméter se afasta dos mortais e dos deuses, e decide punir Zeus privando a todos da agricultura. Os humanos começam a morrer de fome e não fazem mais oferendas e sacrifícios aos deuses, que começam a ficar desesperados.

Zeus envia mensageiros para levar Deméter ao Olimpo, mas ela se recusa, e se mantém firme em sua demanda pela filha. Assim, Zeus envia Hermes ao Submundo para buscar Perséfone, que já é esposa de Hades.

Ao receber a ordem de Zeus para deixar que Perséfone vá ao Mundo Superior e se reencontre com a mãe, Hades não desobedece ao irmão, mas lembra Perséfone dos poderes que ela terá como rainha do Submundo e elogia a sensatez da esposa. Ele então oferece a ela sementes de romã, que ela come secretamente.

Perséfone e Hermes sobem até o Mundo Superior, e vão ao encontro de Deméter. A parte do papiro que retrata o reencontro entre mãe e filha está com lacunas que jamais foram recuperadas. No trecho seguinte, Deméter pergunta à

Perséfone se ela comeu algo no Submundo, pois, em caso afirmativo, ela deverá passar parte do ano no Hades. Perséfone conta que o marido a forçou a comer as sementes de romã, e prossegue relatando como o rapto aconteceu.

Depois de algum tempo felizes por estarem uma em companhia da outra, Hécate se junta às duas deusas, saúda Perséfone e passa a ser companheira e ajudante da nova rainha do Submundo.

Zeus então dá novas honras à Demeter, que reestabelece a agricultura e cobre a terra de flores e frutos. Ela volta à Elêusis, onde foi construído seu templo, e ensina aos reis os ritos dos Mistérios de Elêusis, que devem permanecer secretos. “O Hino Homérico a Deméter” se encerra com uma exaltação às deusas e um pedido para que elas concedam ao poeta uma vida aprazível, caso tenham gostado dos cantos.

De acordo com o “Routledge Handbook of Greek Mythology”, de Robin Hard (2004), o mito apresenta diferentes versões que surgiram através dos tempos. Em versões tardias, Perséfone só é fadada a passar parte do ano no Submundo pois Ascáfalo, filho de uma ninfa, é testemunha de que ela comeu as sementes de romã e revela o segredo da jovem (HARD, p. 129 e 130).

Em outras versões, ao ser abduzida, Perséfone encontra com Minthe, uma ninfa do Submundo que havia sido amante de Hades. Minthe se declara mais bonita que a deusa e garante que logo terá seu amante de volta. Deméter teria ficado tão irada com a declaração da ninfa que a pisoteou, e um broto de menta nasceu em seu lugar. Em outras versões, a transformação teria sido feita por Perséfone. Há também divergências quanto ao local do rapto. Alguns lugares em que o rapto é situado são: Feneos, Lerna, Sicília, Siracusa e Enna.

Além das divergências entre versões, há alguns aspectos do mito que merecem serem analisados, pois podem ter implicações nas traduções e recontos. O primeiro deles é a questão do rapto. Apesar de Perséfone, ao reencontrar-se com a mãe, dizer que Hades a levou contra sua vontade, estudiosos do mito mostram que esse pode não ter sido o caso. Segundo Faraone (2001, p. 79), na Grécia Antiga, o casamento por rapto era socialmente aceito e bastante comum em ocasiões em que uma das famílias não conseguia pagar o dote estabelecido, ou em casos de gravidez. Os noivos elaboravam, junto com suas famílias, um plano de fuga, e as noivas alegavam que teriam sido raptadas contra sua vontade, para manter as aparências:

In fact, whether the kidnapped girl is willing or not, she usually pretends (like Persephone) to be unwilling and afterward maintains this story, for she must be careful to save face for herself (regarding her own chastity) and for her family. (FARAONE, 1999 , p. 80)¹⁰

Além do casamento por fuga, Faraone (1990 e 1999) coloca que existiam rituais de casamento que envolviam “feitiços de amor”. O ritual consistia na apresentação de uma fruta pelo noivo e na aceitação desse pela noiva, que indicava o consentimento dela. De acordo com o autor, tanto em mitos e histórias ficcionais e reais, frutas como maçãs e romãs eram usadas para fortalecer laços matrimoniais e despertar o desejo sexual.

Isso nos leva ao segundo aspecto a ser discutido: a romã e o que ela representa no mito. Quando Hermes desce ao Submundo para levar Perséfone de volta para a mãe, Hades, depois de lembrar a esposa dos poderes que ela terá como rainha e apelar por sua sensatez, oferece a ela algumas sementes de romã secretamente, que ela parece comer de boa vontade, mas o faz escondida de Hermes. Posteriormente, ao ser questionada pela mãe, Perséfone diz ter sido forçada por Hades a comer a romã.

Faraone (1999) coloca que

This incident has traditionally been interpreted as an example of a widespread folk belief that if one eats the food of the dead, one must remain with them; Demeter herself is thought to express this very concern a few lines earlier in the poem (393–400), but this is far from certain, as the unique manuscript of the poem is torn away at precisely this point. The relationship between Hades and Persephone is, moreover, much closer than simply that of a host and his guest, and most commentators agree that there is some special erotic character of the pomegranate which leads to its appearance here.¹¹ (p. 76)

¹⁰ Na verdade, se a moça queria ou não ser sequestrada, ela geralmente fingia (como Perséfone) ter sido levada à força e depois mantinha essa história, pois ela precisava ter o cuidado de preservar a sua reputação (com relação à sua castidade) e a de sua família.

¹¹ Esse incidente tem sido tradicionalmente interpretado como um exemplo da crença popular amplamente disseminada de que se alguém prova da comida dos mortos, deverá permanecer com eles. Pensa-se que a própria Deméter tenha expressado essa preocupação em algumas linhas anteriores, no poema, mas isso está longe de ser uma certeza, já que o único manuscrito do poema está danificado exatamente nesse

Marylin Arthur, no ensaio “Politics and pomegranates: an interpretation of the Homeric Hymn to Demeter” (2013), corrobora com o que Faraone propõe:

In addition, Hades gives Persephone the pomegranate to eat. The addition of the adverb *lathrei* (= "secretly") may indicate that Hades did not wish Hermes to observe him (...). Although Persephone later insists to Demeter that Hades "forced me, / unwillingly, /violently, / to eat it [the pomegranate seed]," this does not accord with the original account. In other versions of the myth Persephone herself picked the fruit and ate it (e.g., Ovid *Metamorphoses* 5.534ff.), and in an interesting variant reported by Apollodoros (1.5.3) Persephone punishes the tattletale Askalaphos, who informed on her. (2013, p. 237)¹²

Segundo a autora, a romã era um símbolo para o sangue e a morte, assim como para a fertilidade e o casamento. Era associada a ritos de divindades tanto femininas quanto masculinas e, por isso, pode representar muito bem a união de Hades e Perséfone em casamento. A autora coloca ainda que o fascínio de Perséfone pelo narciso e sua aceitação da romã mostram sua susceptibilidade aos perigos e prazeres da sexualidade com um homem.

Somando esses dois aspectos, levantados por Faraone e por Arthur, Perséfone pode não ter sido raptada contra sua vontade, e ainda que fosse o caso, ela manteve a história para não manchar sua reputação. De todo modo, ao aceitar a romã de Hades, ela dá o seu consentimento e se torna verdadeiramente sua esposa, talvez motivada pelos poderes a ela prometidos como rainha do Submundo. O casamento de Hades e Perséfone parece ter sido bem-sucedido, e ela de fato se torna uma rainha poderosa e temível, que tem autonomia para tomar decisões a respeito dos mortos e daqueles que, ainda vivos, se aventuram pelo Hades (HARD, 2004, p. 130).

É interessante notar que, além de muitas versões, o mito possui muitas leituras e interpretações diferentes, não só enquanto ele era difundido oralmente

ponto. Além disso, o relacionamento entre Hades e Perséfone é muito mais próximo do que de um anfitrião e sua hóspede, e a maior parte dos estudiosos concorda que há uma característica erótica especial da romã que faz com que ela apareça aqui.

¹² Além disso, Hades dá a romã para que Perséfone coma. O uso do advérbio *lathrei* (= “secretamente”) pode indicar que Hades não desejava que Hermes o visse (...). No entanto, mais tarde Perséfone diz, de forma insistente, à Deméter que Hades “me forçou / contra a minha vontade / de maneira violenta / a comê-la [a semente de romã]”, o que diverge do relato original. Em outras versões do mito, a própria Perséfone pega a fruta e come (eg. *Metamorfoses* de Ovídio), e em uma variante interessante relatada por Apolodoro, Perséfone pune Askalaphos, o dedo-duro que a entregou”

na Grécia Antiga, como ainda hoje. Deste modo, é essencial termos em mente, enquanto analisamos as traduções e os recontos que, embora as reescritas possam acarretar inevitavelmente alterações e adaptações, essas mudanças ocorriam com frequência no grego, dado a característica oral e fluida dos mitos. Sendo assim, essa característica não pode deixar de ser considerada em nossa análise.

Capítulo 3 – Recontos do mito

Levando em consideração a breve discussão a respeito do mito e a tradução do grego de “O Hino Homérico a Deméter” feita por Carvalho (2020), pretendemos discutir algumas traduções de recontos do mito do rapto de Perséfone. Para o cotejo das traduções, foram escolhidas quatro obras:

- Os mitos gregos, de Robert Graves, 2018, tradução de Fernando Klabin - Editora Nova Fronteira;
- Mythos, de Stephen Fry, 2018, tradução de Helena Londres – Editora Planeta;
- O livro da Mitologia, Philip Wilkinson et al, 2018, tradução de Bruno Alexander – Editora Globo Livros;
- A história da mitologia para quem tem pressa, de Mark Daniels, 2015 tradução de Heloisa Leal – Editora Valentina.

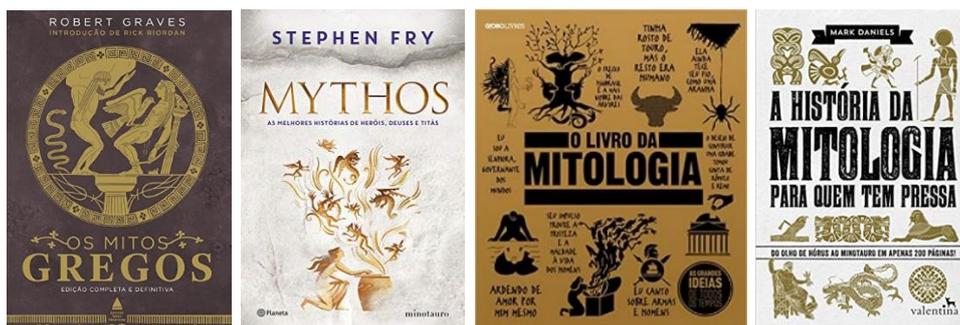


Figura 3: Capas das edições brasileiras.

A escolha desses livros se deu pois aparentam apresentar diferenças de propósito e público, sendo o primeiro mais acadêmico, com uma preocupação em citar fontes, fazer uma reconstrução histórica, trazer discussões; o segundo mais literário, escrito num formato mais próximo da ficção; e os últimos mais voltados para divulgação, com objetivo de popularização das histórias mitológicas. Lefevere (2007, p. 87) coloca que as traduções podem revelar muito sobre a interação de culturas e a manipulação dos textos, e que a análise desses aspectos pode ser muito mais interessante do que a opinião sobre se uma palavra foi traduzida de maneira “apropriada” ou não, já que podemos perceber quais valores influenciaram a tradução.

Por isso, mais do que as escolhas tradutórias em si, procuramos perceber como as versões do mito mudam de acordo com o propósito da publicação, observando não só as escolhas lexicais, como também as diferenças estruturais dos textos, o que eles trazem e o que eles deixam de fora em comparação com os Hinos Homéricos a Deméter, que será considerado como nosso texto de partida, por ser o registro mais antigo e completo do mito e provavelmente uma das principais fontes para os recontos. A intenção do presente trabalho não é produzir um julgamento de valor a respeito das traduções, mas discutir as diferenças entre elas pensar nos efeitos que cada uma causa no leitor.

Um pouco sobre as obras

“The Greek Myths” foi publicado pela primeira vez em 1955, pelo poeta, romancista, classicista e tradutor Robert Graves. O livro é um compêndio de mitologia grega e, conforme descrito na Introdução da obra, a intenção do autor foi reunir, em uma única narrativa, vários aspectos e versões de cada mito, apoiando-se em versões pouco conhecidas que poderiam ajudar a determinar os significados de cada história (GRAVES, 2018, s.p.). Assim, a estrutura do livro foi construída da seguinte maneira: os mitos são contados em forma de narrativa, seguidos de comentários explicativos e de uma lista de fontes numerada de acordo com as referências no texto (GRAVES, 2018). A tradução brasileira foi feita por Fernando Klabin e publicada pela Editora Nova Fronteira em um box de dois volumes, além da versão digital, em 2018, com o título “Os mitos gregos”.

Com uma abordagem menos acadêmica, “Mythos: The Greek Myths Retold” foi escrito pelo ator britânico Stephen Fry e publicado em 2017. Embora seja classificado como não-ficção, apresenta uma característica mais literária, utilizando-se com mais frequência de recursos da narração ficcional. No prefácio, Fry coloca que, para ler Mythos, não é preciso nenhum conhecimento acadêmico sobre mitologia ou cultura grega, ou seja, a obra foi escrita para o público geral, normalmente leigo em relação à antiguidade clássica.

A obra aborda os mitos gregos numa narrativa que começa na criação do universo e acompanha os deuses e heróis gregos em diversas histórias, trazendo comentários a respeito de como determinado mito ou palavra influenciou ou ainda vive em nossa cultura atual. Diferentemente de “The Greek

Myths”, de Graves, o livro não traz uma lista de referências, mas cita no posfácio algumas das principais fontes de pesquisa para elaboração da obra. A tradução para o português brasileiro - “Mythos: As melhores histórias de heróis, deuses e titãs” - foi feita por Helena Londres e publicada pela Editora Planeta, sob o selo Minotauro, em 2018.

“The Mythology book”, de Philip Wilkinson et al (2018) faz parte de uma coleção de livros chamada “Big ideas simply explained”, que tem por objetivo traçar, de maneira resumida, uma linha do tempo a respeito de um tema, seja ele mitologia, literatura, psicologia, física ou outras ciências e artes. O livro traz muitos gráficos, ilustrações e obras de arte para abordar as diferentes mitologias do mundo todo. A seção de mitologia da Grécia Antiga traz os mitos principais, cada um ocupando geralmente duas páginas, que contêm imagens, gráficos, quadros explicativos e citações das versões antigas do mito. Nas últimas páginas, há uma lista das fontes usadas para compor as seções de mitologia de cada região. A tradução de Bruno Alexander para o português brasileiro foi publicada pela Editora Globo Livros como “O livro da mitologia” em 2018.

Por fim, “The Midas Touch: World mythology in bite-sized chunks”, de Mark Daniels, foi publicado em 2013. O autor é escritor freelancer e estudou os Clássicos e Linguística na Universidade de Cambridge. Assim como o “The Mithology Book”, “The Midas Touch” faz parte de uma coleção de divulgação, de forma resumida, de grandes assuntos, como história, filosofia e economia. O livro se apresenta como um guia conciso e didático sobre as diferentes mitologias e promete cobrir do “olho de Hórus ao Minotauro em apenas 200 páginas”, abordando assim os aspectos mais importantes das principais mitologias do mundo para leitores que “têm pressa”. Nas páginas finais, há uma lista de bibliografias selecionadas para a produção do livro. A versão brasileira – “A história da mitologia para quem tem pressa” - traduzida por Heloísa Leal, foi publicada em 2015 pela Editora Valentina.

Estrutura e escolhas tradutórias

Podemos perceber, pela breve apresentação das obras, que cada uma tem um público-alvo diferente e, em consequência, um objetivo próprio. Essas diferenças de público-alvo e de objetivo refletem não só na estrutura de cada

texto, como também nas escolhas tradutórias, seja nos recontos em si, como em suas traduções em português. A época de publicação também pode influir nesses aspectos, deste modo, é interessante lembrar que “The Greek Myths”, de Robert Graves, foi lançado em 1955, muitos anos antes dos demais, que foram publicados após 2010. Todas as traduções para o português brasileiro, no entanto, são posteriores ao ano de 2015.

Os textos, então, são bastante diferentes uns dos outros e isso se evidencia primeiramente na estrutura. Enquanto “Os mitos gregos”, de Graves, e “O livro de Mitologia”, de Wilkinson et al, abordam mais de uma versão do mito, “Mythos” e “A história da mitologia para quem tem pressa” optam por construir uma versão unificada, sem mencionar algumas variações da história. A consequência disso para o leitor é não só a falta de contato com outras variantes do mito, como também não proporciona o entendimento de que, como essas histórias eram disseminadas principalmente de forma oral na Grécia Antiga, elas não tinham uma versão única, original, mas variavam de acordo com o local e a época em que eram contadas e ou retratadas. Assim, ao construírem o reconto como uma versão única, embora possam deixar a leitura mais fluida e/ou mais fácil, excluem a característica mutável e versátil do mito, criando a ilusão da existência de uma versão “original”, completa ou canônica da história. E como coloca Hard (2004, p. 1), a ideia de que pudesse existir uma versão padrão e imutável de um mito é quase sempre falsa.

Além disso, a versão única tende a ser mais resumida, e muitas vezes combina diversos elementos do mito em algo mais sucinto. Assim, ao contar uma versão reduzida, como em “A história da mitologia para quem tem pressa”, vários aspectos da história são suprimidos. Um exemplo disso é a ida de Deméter à Elêusis, cidade onde ela se isola dos demais deuses e tenta imortalizar o príncipe Demofonte como vingança a Zeus, e onde cria os Mistérios de Elêusis, ritos importantes relacionados ao seu culto. Tanto em “Mythos” como em “A história da mitologia para quem tem pressa”, essa parte do mito não aparece. Em “O livro da Mitologia”, de Wilkinson et al, há um pequeno quadro explicativo na lateral da página 51 que aborda os mistérios eleusinos, mencionando a existência de uma relação entre os ritos e o mito, sem, no entanto, explicitar a explicação mitológica para o surgimento deles.



Figura 4: O Livro da Mitologia, Philip Wilkinson et al, pág. 50 e 51, 2018.

Em “A história da mitologia para quem tem pressa”, há mais omissões além da estadia de Deméter em Elêusis. O mito todo é contado em dois parágrafos, e personagens como Zeus, Hermes, Hécate e Hélios não aparecem na história. Nesse relato, quem confronta Hades e exige que Perséfone retorne para o Mundo Superior é Deméter, não Zeus ou Hermes. Por seu caráter resumido, o relato deixa de explorar diversos aspectos do mito, focando somente no rapto, nas sementes de romã e na divisão do ano entre o tempo em que Perséfone passa com a mãe e aquele em que passa com o marido, acontecimento que deu origem às estações do ano.

Novamente, como o objetivo do livro é oferecer aos leitores a história da mitologia de maneira bastante resumida, entende-se que os leitores de “A história da mitologia para quem tem pressa” já devem esperar omissões ou mesmo reorganizações e adaptações na história, ainda que a contracapa do livro sugira que o leitor encontrará tudo o que “sempre quis saber”. Sendo assim, como não está dito de maneira clara que as histórias sofreram algum tipo de alteração e edição, essas omissões podem levar o leitor a acreditar que estão em contato com tudo o que há para ser conhecido sobre o mito, sem refletir sobre outros aspectos do mito e da cultura grega.

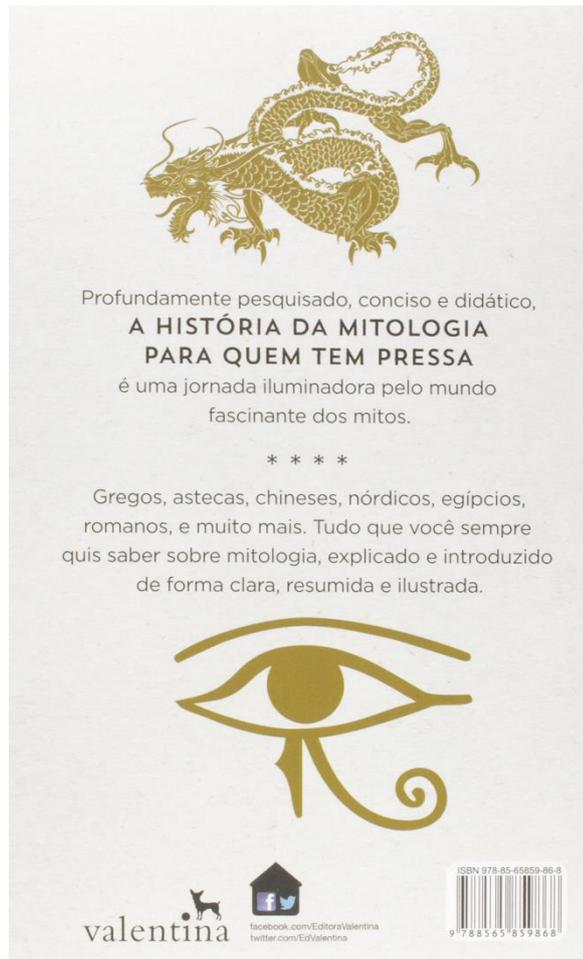


Figura 5: Contracapa de *Mitologia para quem tem pressa*.

Esse formato de livro para divulgação ilustra muito bem o que Lefevere (2007) coloca como mecenato, ou seja, “poderes (pessoas ou instituições), que podem fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura [reescrita] de literatura” (2007, p. 34). O autor coloca que o mecenato tem um componente ideológico, mas também um econômico, que está diretamente ligado às vendas e ao estímulo do lucro. Portanto, os recontos mais resumidos, feitos para divulgação, parecem se encaixar na lógica do consumo atual, que segundo Bauman (2008), fez com que a nossa sociedade se transformasse de sociedade de produtores em uma de consumidores, em que o consumo é vocação, ao mesmo tempo um direito e um dever humano universal (2008, p. 73), que acaba por transformar o próprio indivíduo em material de consumo também. O autor coloca ainda que a vocação consumista se baseia nos desempenhos individuais, ou seja, consumir cada vez mais para se tornar também um bem de consumo vendável. Sendo assim,

Na acirrada competição pelo mais escasso dos recursos - a atenção de potenciais consumidores -, os fornecedores de pretensos bens de consumo, incluindo os de informação, buscam desesperadamente sobras não cultivadas do tempo dos consumidores, qualquer brecha entre momentos de consumo que possa ser preenchida com mais informação (BAUMAN, 2008 p. 55).

Nesse sentido, os recontos mais resumidos e sucintos se adequam ao mecenato econômico imposto por nossa cultura consumista, que induz a ao consumo rápido. Além disso, é possível perceber que o livro “A história da mitologia para quem tem pressa” parece se adaptar à forma como a internet e as redes sociais têm reconfigurado a escrita e a leitura: com textos curtos, concisos e pouco profundos, que permitem ser consumidos num curso espaço de tempo por leitores que “têm pressa”.

A representação dos deuses

Ao pensarmos no componente ideológico do mecenato, podemos analisar como os deuses são construídos por cada reconto. Segundo Hard (2004), embora os gregos tivessem medo de pronunciar o nome de Hades, por sua ligação direta ao mundo dos mortos, ele não era um deus odiado ou tido como “vilão”. Essa dicotomia entre o bem e o mal, segundo Bennett (2017), foi imposta pelo cristianismo, na intenção de angariar fiéis ao relacionar as divindades gregas ao esquema cristão. Ao observarmos “O Hino Homérico a Deméter”, percebemos que Hades não é retratado como maldoso ou vilão, pelo contrário, seus poderes e influência são exaltados. Sendo assim, é interessante notar quais são as palavras usadas em associação a Hades e Zeus, que, no imaginário popular atual, são vistos como opostos, como as representações do bem e do mal.

Em “O livro da Mitologia”, no momento do rapto de Perséfone, Hades é descrito como “a tall, shadowy figure”, e na tradução de Bruno Alexander como “uma silhueta alta e sombria”. Em outros momentos, o Submundo é descrito como um “reino funesto” (dismal realm), ou como lúgubre (gloomy).

The Mythology book (WILKINSON ET AL, 2018, s/p)	O livro da Mitologia (Tradução de Bruno Alexander, 2018, p. 50 e 51)
A tall, shadowy figure leaned down from the chariot and scooped her up.	Uma silhueta alta e sombria apeou a biga e a apanhou.
Hades took Persephone with him down into the gloomy Underworld.	Hades levou Perséfone consigo para o lúgubre Submundo.
Eventually, the sun god, Helios, told Demeter that her brother Hades had snatched her daughter and spirited her off to his dismal realm.	Por fim, o deus do Sol, Hélios, acabou contando a Deméter que seu irmão Hades havia sumido com sua filha, levando-a para seu reino funesto .

Nesses casos, embora os adjetivos sombrio, funesto e lúgubre não sejam positivos, parecem estar bastante relacionados com a morte, algo que já é associado ao Submundo, um reino que recebe os mortos. Sendo assim, Hades não parece ter assumido aqui uma representação que se assemelha à do diabo cristão.

Quando se trata da representação de Zeus, “O livro da Mitologia” é um dos únicos que menciona, logo no início, que Perséfone foi raptada por Hades não só com o consentimento de Zeus, como também por um plano dele. É interessante notar também que o livro aborda a existência de outras versões do mito, que divergem entre si.

The Mythology Book (WILKINSON ET AL, s/p)	O livro da Mitologia (Tradução de Bruno Alexander, 2018, p. 51)
Some versions of the myth suggest that Zeus himself had played a part in the abduction by conspiring with his brother.	Algumas versões do mito sugerem que o próprio Zeus tomara parte no rapto, conspirando com o irmão.

A representação de Zeus, portanto, não é a de um deus benevolente, que pode ser comparado ao Deus cristão, mas de um deus poderoso, que pode decidir e arquitetar o futuro de todos conforme sua vontade, já que, em uma passagem adiante, ao perceber que os humanos morreriam de fome sem as honras de Deméter, ele ordenou a Hades que libertasse Perséfone, e após descobrir que ela havia comido as sementes de romã, decretou que ela deveria passar três meses do ano com Hades no Submundo.

Já em “Mythos”, Hades é descrito como um deus poderoso, que não era geralmente delicado, mas que na presença de sua amada, a tratava com um carinho que não lhe era costumaz. A breve aparição de Zeus no reconto o mostra somente como um deus bastante poderoso, que consegue fazer com que sua vontade seja feita, ameaçando Hades, caso ele não liberasse Perséfone, de não enviar mais mortos ao Submundo, o que enfraqueceria o reino.

Mythos (FRY, 2017, p. 152 e 153)	Mythos (Tradução Helena Londres, 2018, s/p)
<p>The next day Hades knocked on the door of Persephone’s chamber. You might be surprised that he knocked, but the fact is, in her dignified and assured presence, even such a power as Hades found himself uncertain and shy. He loved her with all his heart, and although he had lost the battle of wills with Zeus he was sure that he could not let her go. Besides, he detected in her something ... something that gave him hope. A small flicker of returned love?</p> <p>‘My dear,’ he said with a gentleness that would have astonished anyone who knew him. ‘Zeus has prevailed upon me to send you back into the world of light.’</p>	<p>No dia seguinte, Hades bateu à porta do quarto de Perséfone.</p> <p>Você pode se surpreender por ele ter batido, mas o fato é que, na presença dela, digna e confiante, até Hades, com tanto poder, se sentia inseguro e tímido.</p> <p>Ele a amava de todo coração e, embora tivesse perdido o braço de ferro com Zeus, tinha a certeza de que não podia deixá-la ir embora. Além disso, detectara nela alguma coisa...alguma coisa que lhe deu esperança. Uma pequena centelha de amor correspondido?</p> <p>- Minha querida - disse ele com uma delicadeza que teria assombrado quem o conhecesse – A vontade de Zeus prevaleceu sobre a minha para enviá-la de volta ao mundo da luz.</p>

Novamente, embora Hades seja representado como um homem sombrio ou pouco gentil, há um lado mais positivo do deus que também é retratado, principalmente no modo como ele trata Perséfone. Assim, também em Mythos não é possível detectar uma caracterização extremamente negativa do deus, já que ele apresenta virtudes e defeitos, como qualquer outro deus da mitologia grega.

Por fim, tendo em vista que “A história da mitologia para quem tem pressa” não constrói uma representação profunda de nenhum dos deuses, iremos verificar como Hades e Zeus são construídos em “Os mitos gregos”, de Robert Graves. Hades tem características mais negativas, sendo descrito como vilão, ainda que em outro momento ele se dirija a Perséfone com gentileza. Já Zeus parece ter um papel mais conciliatório, tentando resolver a situação de uma maneira que agrade a todos. Num primeiro momento, Zeus não dá seu consentimento explícito para que Hades faça de Perséfone sua esposa, no entanto, alguns parágrafos adiante, Hélio revela que Zeus foi conivente com o rapto, embora não tenha chegado a planejá-lo junto com Hades, como “O Livro da Mitologia” e “O Hino Homérico a Deméter” sugerem.

The Greek Myths (GRAVES, 2017, s/p)	Os mitos gregos (Tradução de Fernando Klabin, 2018, s/p)
<p>Hades fell in love with Core, and went to ask Zeus's leave to marry her. Zeus feared to offend his eldest brother by a downright refusal, but knew also that Demeter would not forgive him if Core were committed to Tartarus; he therefore answered politically that he could neither give nor withhold his consent. This emboldened Hades to abduct the girl, as she was picking flowers in a meadow.</p>	<p>Hades apaixonou-se por Coré e foi pedi-la a Zeus. Com receio de ofender o irmão mais velho com uma negativa categórica e, por outro lado, sabendo que Deméter não o perdoaria se Coré ficasse confinada no Tártaro, Zeus respondeu de forma diplomática que não podia dar seu consentimento e tampouco negá-lo. Isso encorajou Hades a raptar a moça enquanto ela colhia flores no campo.</p>
<p>Armed with this evidence, Demeter summoned Hecate. Together they approached Helios, who sees everything, and forced him to admit that Hades had been the villain, doubtless with the connivance of his brother Zeus.</p>	<p>Munida de tal evidência, Deméter mandou chamar Hécate. Juntas, elas foram ter com Hélio, que tudo vê, e o obrigaram a admitir que Hades havia sido o autor da vilania, sem dúvida com a conivência de seus irmão Zeus.</p>

The Greek Myths (GRAVES, 2017, s/p)	Os mitos gregos (Tradução de Fernando Klabin, 2018, s/p)
<p>Zeus, ashamed to visit Demeter in person at Eleusis, sent her first a message by Iris (of which she took no notice), and then a deputation of the Olympian gods, with conciliatory gifts, begging her to be reconciled to his will.</p>	<p>Zeus, que, por vergonha, não se atrevia a visitar Deméter em Elêusis, primeiro encarregou Íris de levar-lhe uma mensagem (que ela ignorou) e, depois, enviou-lhe uma delegação de deuses olímpicos com presentes de reconciliação, suplicando-lhe que aceitasse a vontade dele.</p>
<p>Zeus then persuaded Rhea, the mother of Hades, Demeter, and himself, to plead with her; and a compromise was at last reached. Core should spend three months of the year in Hades's company, as Queen of Tartarus, with the title of Persephone, and the remaining nine in Demeter's.</p>	<p>Então Zeus convenceu Reia, sua mãe e também de Hades e Deméter, a interceder junto a ela, e, finalmente, chegou-se a um acordo: Coré deveria passar três meses do ano em companhia de Hades como Rainha do Tártaro, sob o nome de Perséfone, e os nove meses restantes com Deméter.</p>

É importante notar nas passagens acima o uso da palavra Tártaro (*Tartarus*) para se referir a Hades¹³, ou Submundo. O Submundo era dividido em três regiões: os Campos Elísios, para onde os bons eram enviados após a morte; o Tártaro lugar de dor e sofrimento que recebia aqueles que merecem punição por sua conduta em vida, e também prisão dos titãs derrotados na Titanomaquia¹⁴; e os Campos de Asfódelos, que abrigava aqueles que não tinham sido particularmente virtuosos nem perversos. Sendo assim, aqui, o autor parece usar uma metonímia ao se referir ao Hades como o Tártaro, tomando a parte como todo, podendo causar confusão no leitor ao pensar que o Tártaro e Hades são termos equivalentes e intercambiáveis.

Essa referência ao Submundo como somente a região em que os malvados e perversos eram punidos pode ter relação com a visão de Hades como o

¹³ Na mitologia grega, muitos deuses são personificação de lugares, por isso, recebem o mesmo nome. Hades é tanto o deus do Submundo, como o próprio Submundo. O mesmo acontece com Gaia, Urano, Tártaro e muitos outros.

¹⁴ Guerra entre Zeus e seus aliados para derrotar Cronos e outros titãs. Zeus conseguiu derrotar Cronos e se tornar o deus soberano.

guardião de um tipo de inferno, como o diabo cristão. Essa equivalência pode causar no leitor um efeito de associação entre o Inferno cristão e o Submundo grego, e em consequência, entre Lúcifer e Hades, causando a impressão de que os dois possuem o mesmo papel nas duas mitologias, que é o de punir e fazer sofrer aqueles que em vida cometeram atos perversos.

Desse modo, podemos perceber que, na maior parte do tempo, Hades e Zeus não são caracterizados como Deus e o Diabo, oposições entre o bem e o mal. Ainda assim, em alguns momentos, Hades é associado a coisas negativas, e pode assumir uma personalidade sombria ou vilanesca, enquanto Zeus é retratado como justo ou pacificador. Sendo assim, ainda que pouco, pode-se notar que há um mecenato ideológico que influencia a construção desses deuses nos recontos.

A questão da romã e da divisão do ano

Conforme as análises de Faraone (1990 e 1999) e Arthur (2013), a romã na Mitologia e na cultura grega pode representar consentimento de duas pessoas ao matrimônio, já que era uma fruta usada em rituais de casamento ou para despertar o desejo sexual.

Tanto Faraone (1990) quanto Arthur (2013) colocam que em “O Hino Homérico a Deméter” temos dois relatos divergentes de como Hades deu as romãs para que Perséfone comesse. No primeiro, o poeta narra como Hades, depois de consentir que Hermes retorne Perséfone à mãe, lembra a esposa de seus poderes como rainha do Submundo, elogia sua sensatez e secretamente oferece a ela sementes de romã, que ela come. Segundo Arthur (2013, p. 237), o uso do advérbio “secretamente” pode indicar que Hades não queria que Hermes o visse oferecer a fruta à Perséfone. Mais tarde, Perséfone diz a Deméter que Hades a forçou, contra a sua vontade, a comer as sementes. Faraone (1990, p. 236 e 238) coloca que os dois relatos se diferenciam quanto ao consentimento de Perséfone em comer as sementes, já que num primeiro momento ela ingere a fruta oferecida, e, no segundo, relata ter sido forçada a aceitá-la. Para o autor,

Persephone's version is understandably designed to save face; as a victim of an abduction marriage of sorts, it is expected that she resists her kidnapper, and only acquiesces against her will in the face of violence or irresistible magic. (1990, p. 238)¹⁵

Em nota, o autor coloca que, em relatos antropológicos modernos, espera-se que a noiva raptada preserve a honra de sua família alegando que foi raptada à força e contra sua vontade, embora em muitos casos isso seja uma mentira (FARAONE, 1990, p. 239). Segundo ele, esse parece ser o caso da jovem deusa.

Os textos analisados neste trabalho apresentam diferentes versões de como Perséfone come as sementes de romã e o que isso significa em relação ao seu consentimento em continuar casada com Hades. Assim, é interessante notar como os recontos do mito irão tratar desse acontecimento.

Em “A história da mitologia para quem tem pressa”, há uma breve menção que Perséfone consumiu as sementes que Hades lhe oferecera, e que, como consequência, a jovem deusa deveria passar metade do ano com a mãe e metade com o marido no Submundo. No entanto, devido à característica breve do texto, não há maiores elaborações a respeito do episódio. O mesmo acontece em “O livro da Mitologia”, embora Perséfone devesse passar apenas três meses com Hades e os demais com Deméter.

Em “Mythos”, quando vai até o quarto de Perséfone para anunciar que ela deveria voltar para perto da mãe, Hades já havia detectado na esposa algo que lhe dera esperança, talvez um pouco de amor correspondido. Ele oferece as romãs a ela, como forma de mostrar que não há ressentimentos entre os dois, e ela se enrubesce ao falar com ele. Assim, ela come seis sementes de romã, que significa que ela deverá passar seis meses do ano junto a Hades.

¹⁵ A versão de Perséfone é elaborada, de modo compreensível, para salvar sua reputação; como vítima de uma espécie de casamento por rapto, é esperado que ela resista ao seu raptor, e só ceda contra sua vontade, em face de violência ou de mágica irresistível.

Mythos (FRY, 2017, p. 152 e 153)	Mythos (Tradução Helena Londres, 2018, s/p)
<p>The next day Hades knocked on the door of Persephone's chamber. You might be surprised that he knocked, but the fact is, in her dignified and assured presence, even such a power as Hades found himself uncertain and shy. He loved her with all his heart, and although he had lost the battle of wills with Zeus he was sure that he could not let her go. Besides, he detected in her something ... something that gave him hope. A small flicker of returned love?</p> <p>'My dear,' he said with a gentleness that would have astonished anyone who knew him. 'Zeus has prevailed upon me to send you back into the world of light.'</p> <p>Persephone raised her pale face and gazed steadily at him.</p> <p>Hades gazed earnestly back. 'I hope you do not think ill of me?'</p> <p>She did not reply, but Hades thought he could detect a little colour flushing her cheeks and throat.</p> <p>'Share some pomegranate seeds with me to show there is no ill-feeling?'</p> <p>Listlessly Persephone took six seeds from his outstretched hand and sucked slowly at their sharp sweetness.</p>	<p>No dia seguinte, Hades bateu à porta do quarto de Perséfone. Você pode se surpreender por ele ter batido, mas o fato é que, na presença dela, digna e confiante, até Hades, com tanto poder, se sentia inseguro e tímido. Ele a amava de todo o coração e, embora tivesse perdido o braço de ferro com Zeus, tinha a certeza de que não podia deixá-la ir embora. Além disso, detectara nela alguma coisa... alguma coisa que lhe deu esperança. Uma pequena centelha de amor correspondido?</p> <p>— Minha querida — disse ele com uma delicadeza que teria assombrado quem o conhecesse. — A vontade de Zeus prevaleceu sobre a minha para enviá-la de volta ao mundo da luz.</p> <p>Perséfone ergueu o rosto pálido e olhou fixamente para ele.</p> <p>Hades a encarou, sério.</p> <p>— Espero que você não pense mal de mim...</p> <p>Ela não respondeu, mas Hades achou que conseguia detectar um pouco de cor enrubescendo sua face e seu colo.</p> <p>— Divide um pouco de romã comigo, para mostrar que não há ressentimentos?</p> <p>Sem prestar atenção, Perséfone pegou seis sementes na mão estendida e chupou lentamente seu dulçor ácido.</p>

No final do capítulo, é mencionado que Perséfone gostava do seu tempo no Submundo, onde era uma rainha poderosa e esposa de Hades. Essas passagens podem indicar que, ao comer as sementes de romã, Perséfone, que já estava apaixonada, deu seu consentimento para se tornar esposa de Hades e Rainha do Submundo. Diferentemente do que Faraone propõe, em "Mythos" ela teria sido raptada contra a vontade, ainda que ela não relate à mãe, como

nos Hinos Homéricos, que Hades a levou a força e a obrigou a comer as sementes.

Em “Os Mitos Gregos”, Hades não oferece a fruta à deusa, ela come escondida de todos. Quando Hermes desce ao Submundo para resgatá-la, Ascálafo, um dos jardineiros de Hades, revela a todos que viu Perséfone comer as sementes. Mais tarde, ao saber do fato e imaginando o destino da filha por ter comido a comida dos mortos, Deméter se recusa a retirar a maldição que lançou sobre a terra. Zeus então apela à Rhea, sua mãe, como também de Deméter e de Hades, para interceder. Por fim, fica decidido que Perséfone deve passar três meses do ano com Hades e o restante com a mãe. Deméter posteriormente pune Ascálafo, prendendo-o sob uma rocha e, mais tarde, quando ele é libertado por Hércules, um herói grego, a deusa o transforma em uma coruja.

Nessa obra, o evento é bastante diferente das outras. Como não é Hades que oferece à Perséfone a romã, não é possível imaginar que aceitação da fruta corresponda ao desejo da deusa em continuar casada com o Rei do Submundo. Seu destino só é selado quando o jardineiro testemunha que ela comeu a comida dos mortos, e não pelo ato de comer em si. Em relação à Ascálafo, Hard (2004, p. 129) diz que há outra versão para o que aconteceu: a primeira é a presente em “Os mitos gregos”, de Graves, já na segunda, Perséfone, enraivecida por ter seu segredo revelado, transforma Ascálafo em uma coruja ao jogar nele água de um rio infernal. De todo modo, as duas versões dão pouco espaço para o leitor imaginar que Perséfone tem o desejo de continuar casada com Hades.

É interessante notar como a abordagem de diferentes versões do mito acontece de maneira variada, e pode indicar ou não que o amor que Hades sentia por Perséfone era correspondido. A seguir, depois de analisar as diferenças da estrutura e abordagem dos textos, iremos analisar algumas escolhas tradutórias das edições brasileiras.

A questão do rapto

Ainda pensando na questão do rapto, iremos abordar como cada obra descreve o evento, como também sua tradução para o português.

No quadro abaixo, estão os trechos das quatro obras que tratam do momento em que Perséfone foi raptada. Tanto nesses trechos como durante os recontos, a única obra a usar a palavra *rape* é “The Greek Myths”, de Robert Graves. As demais optaram por usar alguma forma de *abduction*, *kidnapping* ou *desappearance*.

<p>The Midas Touch (DANIELS, 2013, s/p)</p>	<p>A história da mitologia para quem tem pressa (Tradução de Heloisa Leal, 2015)</p>
<p>(...) one afternoon while Persephone was happily picking flowers in a field, Hades, god of the underworld, appeared and abducted Persephone and took her as his wife.</p>	<p>(...)uma tarde, enquanto Perséfone colhia flores tranquilamente em um campo, Hades, deus do submundo, apareceu, raptou a sobrinha e fez dela sua esposa.</p>
<p>The Mythology book (WILKINSON ET AL, 2018, s/p)</p>	<p>O livro da Mitologia (Tradução de Bruno Alexander, 2018, p. 50)</p>
<p>When Persephone pulled a narcissus from the ground, the earth split and opened up beneath her. A huge chariot thundered forth, drawn by sable black horses. As her companions fled, Persephone stood transfixed. A tall, shadowy figure leaned down from the chariot and scooped her up. Persephone’s uncle, Hades, had come up from the Underworld to take her as his bride. (...) Some versions of the myth suggest that Zeus himself had played a part in the abduction by conspiring with his brother.</p>	<p>Ao arrancar um narciso, a terra se abriu sob seus pés. Uma imensa biga, puxada por cavalos negros, saiu do solo. Suas companheiras fugiram, mas Perséfone ficou paralisada. Uma silhueta alta e sombria apeou da biga e a apanhou. O tio de Perséfone, Hades, tinha vindo do Submundo para fazer dela sua noiva. (...) Algumas versões do mito sugerem que o próprio Zeus tomara parte no rapto, conspirando com o irmão.</p>
<p>Mythos (FRY, 2017)</p>	<p>Mythos (Tradução Helena Londres, 2018, s/p)</p>
<p>Suddenly she heard a deep rending and roaring sound. It was like thunder yet seemed to be coming, not from the sky above, but from the ground beneath her feet (...). The earth was shaking and the hillside in front of her split apart. From out of the opening there thundered a great chariot. Before the terrified girl had a chance to turn and run, the driver had scooped her up, swung the chariot round and driven it back through the cleft in the hillside.</p>	<p>De repente, ela ouviu um som profundo e ribombante, dilacerante. Era como um trovão, mas parecia estar vindo não do céu e, sim, do solo abaixo de seus pés (...). A terra tremia e a colina à frente dela se partiu ao meio. De dentro da abertura surgiu, trovejando, uma grande carruagem. Antes que a garota aterrorizada tivesse a chance de se virar e correr, o cocheiro a tinha apanhado, dado a volta na carruagem e dirigido de volta através da fenda para o interior da montanha.</p>

The Greek Myths (GRAVES, 2017, s/p)	Os mitos gregos (Tradução de Fernando Klabin, 2018, s/p)
<p>This emboldened Hades to abduct the girl, as she was picking flowers in a meadow (...) She [Demeter] sought Core without rest for nine days and nights, neither eating nor drinking, and calling fruitlessly all the while. The only news she could get came from old Hecate, who early one morning had heard Core crying ‘A rape! A rape!’ but, on hurrying to the rescue, found no sign of her.</p>	<p>Isso encorajou Hades a raptar a moça enquanto ela colhia flores no campo (...) Deméter procurou por Coré incansavelmente durante nove dias e nove noites, sem comer nem beber, gritando seu nome o tempo todo, sem sucesso. As únicas notícias que pôde obter vieram da velha Hécate, que, um dia de manhãzinha, ouvira os gritos de Coré: “um estupro! Um estupro!”, mas, mesmo tendo ocorrido ao local, não encontrara nenhum vestígio dela.</p>

O uso da palavra *rape* é interessante pois ela pode ter o significado de estupro, violência sexual. Segundo Carvalho (2020), a palavra grega para raptio (ἄρπάζω) difere da palavra estupro, e de acordo com o Greek Word Study Tool¹⁶, pode ser traduzida para o inglês como *snatch away* ou *carry off*, todas com o sentido mais próximo de raptio. O mesmo acontece em latim, já que Jones (2019), ao analisar o reconto do mito por Ovídio, em *Metamorfoses*, coloca que

The “rape” of Proserpina, then, is not necessarily a violent sexual assault, for which, as Judith Evans-Grubbs (1989, p. 69) asserts, classical Latin preferred the verb *violare*. In her comparative studies on the topic, Evans-Grubbs finds that forcible sex is not the aim and may not occur at all: “Abduction marriage as practiced today does not necessarily involve rape; it is enough to raise suspicion that the abducted woman is no longer a virgin by kidnapping her and keeping her away from home for a period of time (Evans-Grubbs, 1995, p. 185)”. (Jones, 2019, p. 76)¹⁷

¹⁶ Disponível em:

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=a%28rpa%2Fzw&la=greek&can=a%28rpa%2Fzw0#lexicon> Acesso em março/2022.

¹⁷ O “raptio” de Proserpina, então, não é necessariamente uma violência sexual, pois, como Judith Evans-Grubbs (1989.69) afirma, o verbo *violare* era preferido no latim clássico. Em seus estudos comparativos no assunto, Evans-Grubbs coloca que o sexo forçado não era o objetivo e poderia não acontecer de forma nenhuma: “O casamento por sequestro como praticado nos dias de hoje não envolve o estupro necessariamente; sequestrar uma moça e mantê-la longe de casa por um período de tempo é o bastante para levantar a suspeita de que a mulher raptada não é mais virgem.”

Mais adiante, Jones coloca que Ovídio com frequência faz a distinção entre o uso de *violare*, em situações que envolvam estupro, e de *rapere*, quando um rapto, e não um estupro, está sendo narrado. Sendo assim, Graves, ao usar *rape* e Fernando Klabin, ao traduzir por *estupro*, criam no leitor a impressão de que o que ocorreu foi uma violência sexual e não um sequestro. Tendo em vista as análises de Faraone (1990 e 1999), Arthur (2013) e Jones (2019), os efeitos que o uso de *rape* e de *estupro* causam vão de encontro com a ideia de que o casamento de Perséfone tenha sido um casamento por rapto, e que a ingestão da romã simboliza o consentimento de ambos à união. A versão de Graves, em “Os mitos gregos”, não deixa espaço para essa interpretação, pois pressupõe um não consentimento e uma violência sexual.

A carruagem

O último aspecto que pretendo tratar a respeito dos recontos selecionados neste capítulo é a tradução da palavra *chariot*. Com exceção de “A história da mitologia para quem tem pressa”, todos os outros livros mencionam uma carruagem, seja a que Hades usou para raptar Perséfone, seja a que Hermes usou para transportá-la ao Mundo Superior para reencontrar a mãe. A palavra usada nos textos em inglês é *chariot*.

Mythos (FRY, 2017, p. 150)	Mythos (Tradução Helena Londres, 2018, s/p)
From out of the opening there thundered a great chariot . Before the terrified girl had a chance to turn and run, the driver had scooped her up, swung the chariot round and driven it back through the cleft in the hillside.	De dentro da abertura surgiu, trovejando, uma grande carruagem . Antes que a garota aterrorizada tivesse a chance de se virar e correr, o cocheiro a tinha apanhado, dado a volta na carruagem e dirigido de volta através da fenda para o interior da montanha.
The Mythology book (WILKINSON ET AL, 2018, s/p)	O livro da Mitologia (Tradução de Bruno Alexander, 2018, p. 50)
A huge chariot thundered forth, drawn by sable-black horses. As her companions fled, Persephone stood transfixed. A tall, shadowy figure leaned down from the chariot and scooped her up.	Uma imensa biga , puxada por cavalos negros, saiu do solo. Suas companheiras fugiram, mas Perséfone ficou paralisada. Uma silhueta alta e sombria a apeou da biga e a apanhou.

The Greek Myths (GRAVES, 2017, s/p)	Os mitos gregos (Tradução de Fernando Klabin, 2018, s/p)
Core's tears ceased to flow, and Hermes helped her to mount his chariot .	Coré parou de chorar e Hermes a ajudou a subir em sua carruagem .

Embora a tradução de *chariot* seja carruagem, defendemos o uso da palavra quadriga nas traduções do mito. A quadriga é uma carruagem de duas rodas, puxada por quatro cavalos, diferente da biga, que utilizava somente dois cavalos como tração. Ela é considerada como o meio de transporte dos deuses e heróis gregos e aparece em diversas pinturas e vasos da Grécia Antiga.

O vaso abaixo, datado entre 340 e 330 a.C., retrata Hades e Perséfone na quadriga, e ao redor deles, aparecem outras divindades associadas ao mito, como Zeus, Hécate, com sua tocha característica, Deméter e outros deuses identificados pelo MET Museum como Eros e Afrodite e Atena.

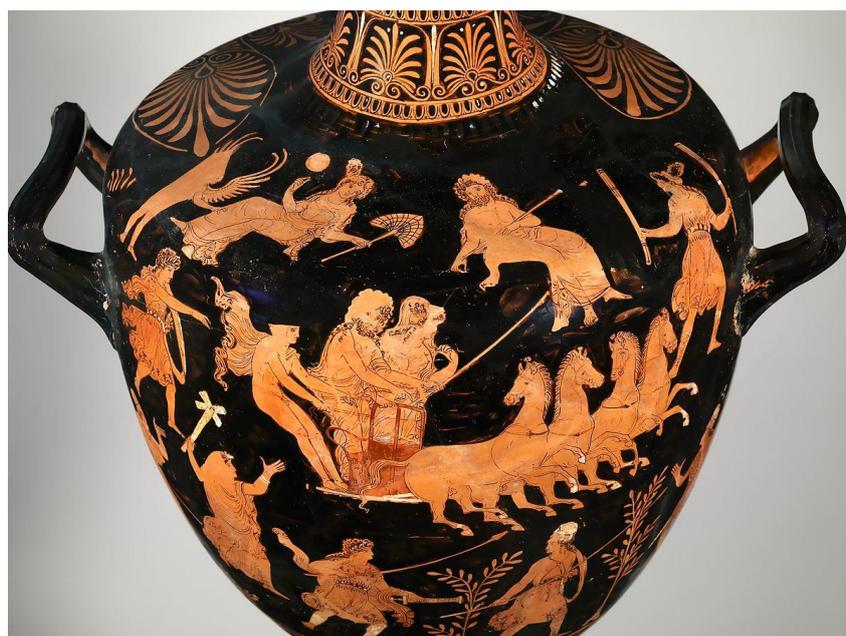


Figura 6: O rapto de Perséfone por Hades cercado de deuses em uma hídria (vaso de água) de figuras vermelhas, 340–330 a.C. Met museum.¹⁸

Os dois vasos abaixo, que também retratam o mito do rapto de Perséfone, são bastante parecidos. Como o anterior, eles datam do século IV a.C e trazem Hades, Perséfone, Hermes e Hécate, representados com seus objetos

¹⁸ Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/247597>. Acesso em 24 de nov. 2021

característicos. Hades, o homem de barba, conduz Perséfone ao Mundo Superior na companhia de Hermes, que é representado como um jovem, vestido com suas sandálias aladas e segurando o caduceu, e Hécate, que carrega sua tocha. A carruagem é puxada por quatro cavalos. Os vasos parecem mostrar o momento em que Perséfone retorna do Submundo ao encontro de Deméter, já que Hermes está junto ao casal na carruagem, como mostra o primeiro, ou aparece liderando o caminho, como no segundo.



Figura 7: O Retorno de Perséfone, 350 a.c.¹⁹

¹⁹ Disponível em: Fonte: <https://www.theoi.com/Gallery/K14.7.html>. Acesso em 24 de nov. 2021



Figura 8: Figura 8: O rapto de Perséfone por Hades em um vaso de figuras velhas, com Hermes e seu caduceu liderando o caminho.²⁰

A quadriga também aparece no mural, datado do século IV a.C, encontrado sob o Great Tumulus, no cemitério real de Vergina, a antiga Egas (ou Aigai), na Macedônia (CHUGG, 2014). Apesar de bastante desgastado pelo efeito do tempo, é possível distinguir Hades segurando Perséfone, Hermes e seu caduceu e os quatro cavalos que puxam a carruagem de Hades.



Figura 9: O mural do Rapto de Perséfone por Hades, na Tumba I, sob o Great Tumulus em Vergina, Aigai. Datado do século IV a.C²¹

Podemos perceber, então, que muitas artes gregas retratam uma quadriga, ou seja, uma carruagem puxada por quatro cavalos. A quantidade de cavalos é abordada também em “O livro da Mitologia” de Wilkinson et al. A obra traz a pintura “The Fate of Persephone” do artista britânico Walter Crane, datada de

²⁰ Disponível em: <https://greekreporter.com/2014/10/15/is-the-mother-of-alexander-the-great-in-the-tomb-at-amphipolis-part-4-an-explanation-of-the-mosaic/>. Acesso em 24 de nov. 2021

²¹ Disponível em: <https://greekreporter.com/2014/10/15/is-the-mother-of-alexander-the-great-in-the-tomb-at-amphipolis-part-4-an-explanation-of-the-mosaic/>. Acesso em 24 de nov. 2021

1877. Como mostra a legenda do livro em inglês, e a tradução de Bruno Alexander, o quadro retrata Hades raptando Perséfone enquanto “dois de seus quatos cavalos refugam entre um mundo ensolarado e a total escuridão” (WILKINSON ET AL, 2018 p. 50)



Hades kidnaps Persephone in a field of daffodils in British artist Walter Crane’s *The Fate of Persephone* (1877). Two of his four horses rear up between a sunlit world and ominous darkness.

Figura 10: Obra de Walter Crane usada para ilustrar O livro da Mitologia.²²

Embora na tradução de “O livro da Mitologia” para o português seja utilizada a palavra biga, o texto reconhece que a carruagem de Hades é puxada por quatro cavalos. Sendo assim, tendo em vista as representações gregas do mito em vasos, como também o próprio texto que coloca a existência dos quatro cavalos, acreditamos que a tradução da palavra *chariot*,– nas três obras: “Myhtos”, “Os mitos gregos” e “O livro da Mitologia” – para quadriga seria mais interessante, pois, embora não seja uma palavra muito conhecida pelos leitores brasileiros e não ofereça uma leitura fluida ou um entendimento imediato, traz uma camada extra de conhecimento sobre a cultura grega, e parece combinar mais com os textos, já que se trata de recontos da mitologia grega.

Podemos perceber, portanto, que a análise tanto da tradução de *rape* como de *chariot* mostra que a escolha de palavras tem um impacto direto na experiência de leitura e nas interpretações possíveis que podem ser feitas pelo leitor, pois cada escolha produz sentidos diferentes.

Seja através da análise da tradução de palavras, ou de como as reescritas do mito se estruturaram, neste capítulo, observamos como o mito foi recontado,

²² Disponível em: The Mythology Book, s/p. Acesso em 24 de nov. 2021

tanto nas obras em inglês, como nas traduções para o português, em comparação com “O Hino Homérico a Deméter”. Essa análise nos mostrou que, assim como o mito assumia versões distintas na Grécia Antiga, dependendo do poeta, do local e do objetivo da performance do mito, ainda nos dias de hoje o mito é bastante fluido e mutável, assumindo em cada reescrita uma forma diferente, que surge de interpretações distintas e, conseqüentemente, oferecem leituras variadas.

Assim como sugere Lefevere (2007), as reescritas de um texto são atravessadas pelo mecenato, ou seja, questões culturais, ideológicas e econômicas que influenciam não só se um texto será reescrito ou não, mas como se dará essa reescrita. O mito do rapto de Perséfone foi e continua a ser reescrito de diversas formas, seja com um propósito mais alinhado à lógica capitalista de consumo, ou com um objetivo mais literário ou acadêmico. Tendo isso em vista, vamos observar agora traduções intersemióticas do mito, notando como ele se modificou e que relação podemos estabelecer com as obras analisadas.

Capítulo 4 – Outras traduções intersemióticas do mito

Jakobson (2001), em seu texto “Aspectos linguísticos da tradução”, coloca que existem três tipos de tradução: a intralingual, que se utiliza de signos da mesma língua e pode ser entendida como reformulação; a interlingual ou tradução propriamente dita, que é a interpretação feita através de outra língua; e por fim, a tradução intersemiótica, que, segundo o autor, “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas não verbais” (2001, p. 65). Por seu caráter fluido, e também porque a Grécia Antiga é um dos pilares da cultura ocidental, os mitos foram e ainda são muito traduzidos de diferentes formas.

Como já mencionado no Capítulo I deste trabalho, Milton (2015) coloca que uma obra clássica pode receber diversas traduções, críticas, versões infantis, adaptações cinematográficas, e até videogames. Esse certamente é o caso dos mitos gregos que, de modo constante, se tornam fonte e inspiração para traduções e adaptações das mais variadas.

Sendo assim, neste capítulo, nosso objetivo é observar e discutir algumas obras que podem ser consideradas traduções intersemióticas do mito, ainda levando em consideração as questões propostas por Lefevere (2007) a respeito do mecenato. Deste modo, o que nos interessa aqui é entender como o mito do rapto de Perséfone foi transformado para se encaixar nas estéticas, nas ideologias, na economia e nas culturas atuais.

Já tratamos brevemente do curta-metragem da Disney, *A Deusa da Primavera*, ou *The Goddess of Spring*, de 1934, em que Hades é representado como o diabo cristão. É evidente que a ideologia cristã influenciou a produção da animação, encaixando o mito em uma lógica dualista de bem e mal. Agora vamos tratar de outras obras mais atuais que trazem perspectivas bastante diferentes de *A Deusa da Primavera* e que revisitam aspectos do mito de maneiras bastante interessantes.

A conta Goofy Gods Comics, no Instagram, é formada por dois artistas amigos que postam tirinhas engraçadas de deuses, principalmente da mitologia grega. Hades sempre teve um destaque nas tirinhas, e, mais recentemente, os autores têm investido em tirinhas sobre Hades e Perséfone, que têm ganhado um público cada vez maior. No universo criado por eles, Hades tem a estética

de um roqueiro, e se parece com a representação usual da morte, ou seja, uma caveira com um capuz. Apesar de sua ligação com o Reino dos Mortos e de sua aparência, Hades é geralmente bondoso, e em uma das tirinhas, adota Cerbie – ou Cerberus, o cão que guarda os portões do Submundo – depois do cachorrinho apanhar e ser abandonado por ter três cabeças.

A representação de Perséfone também merece ser mencionada. Em suas primeiras aparições, ela traça um vestido simples e tem flores no cabelo, uma clara associação com a primavera, estação do ano à qual ela está relacionada. Em tirinhas posteriores, ela assume uma estética parecida com a de Hades, com roupas “góticas” e um gosto por coisas “mórbidas”, como mostra o quadrinho abaixo:





Figura 11: Encontro de Hades e Perséfone, do quadrinho The Goofy Gods Comics. ²³

É possível perceber que os autores recorrem a alguns símbolos cristãos, como a cruz e o cemitério, e que o mito se passa nos dias atuais. Essas incorporações aproximam o leitor da história, já que esses símbolos e o contexto são facilmente reconhecidos por todos. O mesmo acontece com a caracterização dos personagens: a representação de Hades como um homem roqueiro, mas que tem um bom coração, é um pouco nerd e tímido, cria uma identificação com o leitor, que sente empatia pelo personagem. A caracterização de Perséfone ora como uma moça delicada, que gosta de flores, ora como uma gótica que tem interesse pelo mórbido, representa bem as duas facetas da

²³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMsVLULDvY-/>. Acesso em 24 de nov. 2021

Tradução:

Zeus: Então, ouvi dizer que você finalmente passou um dia com a Perséfone.
Hades: Ah, é. Primeiro...nós fizemos piquenique no meu parque favorito...depois, fomos ao meu parque de diversões favorito...e por fim, demos uma caminhada na minha praia favorita.

Zeus:conhecendo esses lugares, você tem CERTEZA de que foi uma boa ideia para um primeiro encontro?

Hades: Hã?

Perséfone: Foi muito LOUCO, vó. Você não tem ideia...do quão legal esse encontro foi!

deusa: a jovem donzela que colhe flores no campo e a rainha temível do Submundo.

Cabe notar que, em *Goofy Gods Comics*, o rapto não acontece. Hades e Perséfone são separados por Deméter, que acredita que o deus não é um bom partido para a filha, pois ela cria vida e ele é a morte. Eles conseguem se reunir quando Deméter entende que Hades é muito mais complexo do que deixa transparecer e que tem sentimentos verdadeiros pela jovem deusa. As estações do ano aparecem, pois, separada do amado, Perséfone se entristece e traz o inverno ao mundo.

Outro quadrinho sobre o amor de Hades e Perséfone é *Punderworld*. Criado por Linda Sejic, *Punderworld* é disponibilizado no Instagram da autora e postado regularmente em plataformas de webcomics, como o *Webtoon* e o *Tapas*. A primeira parte da história também ganhou um livro em versões digital e impressa, publicado pela editora de quadrinhos *Image – Top Cow*, em agosto de 2021.

Punderworld se passa na Grécia Antiga. Hades é um rei muito ocupado e que raramente deixa o Submundo. Assim como em *Goofy Gods Comics*, ele é tímido e com pouco traquejo social. Um dia, ao ir ao Mundo Superior para comprar algumas coisas de Deméter, Hades encontra Perséfone e os dois se apaixonam. Perséfone não o conhece, e Deméter diz à filha que ele é um deus menor. Por muitos séculos, os dois se encontram ocasionalmente, sempre por breves momentos, e Hades nunca consegue reunir a coragem necessária para falar com a jovem deusa.

Perséfone, por sua vez, vive em um mundo de eterno verão, que necessita de trabalho constante. Deméter é uma mãe superprotetora e impede que a filha saia para se divertir ou interaja com outros deuses.

Um dia, depois de ir ao Olimpo a negócios, Hades revela a Zeus que é apaixonado por Perséfone, e Zeus o incentiva a seduzi-la. O Rei do Submundo decide ir até Deméter pedir a mão de Perséfone em casamento, mas quando chega a casa delas, mãe e filha estão em uma grande briga, pois Deméter não quer permitir que Perséfone compareça a uma festa no Olimpo. Depois da discussão, Perséfone sai chateada e vai até um rio, e Hades a segue, pois sabe que Zeus deixou uma armadilha no local para poder obrigá-lo a se aproximar de sua amada. A armadilha é uma carruagem, que leva Hades e Perséfone em uma

viagem perigosa, que acaba no Submundo. A partir de então os dois começam a se conhecer. A imagem abaixo mostra o momento logo após Hades e Perséfone perceberem que a carruagem está pegando fogo e eles precisarão fazer uma aterrissagem difícil.



Figura 12: Quadrinho Punderworld, da autora Linda Sejic, postado em diversas plataformas, como Instagram, Tapas e Webtoon.²⁴

²⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSGeFHitDV5/>. Acesso em 24 de nov. 2021

Tradução:

Perséfone: Você não conseguiu controlá-lo, o que faz você pensar que eu...Oh! Espere aí. Não é a hora nem o local apropriado, mas não estou reclamando...

Hades: Hm? O que?

Perséfone: N-nada!!

Para além dos aspectos mais comuns do mito, que se repetem nos diversos recontos, é interessante notar como a autora imprimiu na história características novas. Hades tem uma coroa que parece fazer parte dele e é formada por alguns chifres, os quais podem remeter à sua função de guardião do Mundo dos Mortos. O mesmo acontece com Perséfone, que tem uma coroa de plantas no cabelo, como mostra o último quadrinho. Sempre que ela sente desejo por Hades, sua coroa floresce, como podemos observar no terceiro quadrinho, em que ela acha que Hades vai abrir sua túnica.

Como a história ainda está em andamento, não é possível saber como o rapto irá acontecer. A autora, antes de produzir *Punderworld* como uma webcomic contínua, fez algumas tirinhas sobre Hades e Perséfone, em que podemos ver os dois casados e felizes. Assim como os autores de *Goofy Gods Comics*, Linda Sejic optou pela interpretação mais próxima àquela que Faraone (1990, 1999) propõe, de que o casamento por rapto era consentido pelos dois. Ao invés de uma moça indefesa raptada pelo tio, Perséfone é uma jovem deusa superprotegida, que anseia por sair do jugo da mãe e que se apaixona por Hades. A autora mantém algumas relações incestuosas na história, mas a relação de tio e sobrinha, que aparece nas versões antigas do mito, é apagada, para que os leitores não sintam estranhamento e possam se simpatizar com o casal, ao invés de achar o relacionamento entre eles repulsivo.

Vale notar também que Linda Sejic traz muitos aspectos da mitologia e da cultura grega, como o nome Kore (Coré), dado à Perséfone quando está associada à sua mãe, e o conceito de xênia, que significava hospitalidade, uma arte muito valorizada na Grécia Antiga. Assim, embora para ler o quadrinho não seja necessário um conhecimento prévio do mito, o leitor pode aprender informações a respeito dele através dessas inserções.

Outro quadrinho, um dos mais famosos a respeito do mito do rapto de Perséfone, é *Lore Olympus*, da autora Rachel Smythe. Publicado semanalmente no Webtoon, é uma das webcomics mais populares da plataforma, e foi nomeado a quatro prêmios – inclusive ao Prêmio Eisner, bastante popular entre os amantes de quadrinhos – dos quais venceu um, o Harvey Awards, na categoria de Digital Book of the Year, no ano de 2021. O quadrinho ganhou também edições impressas, o primeiro volume foi publicado em novembro de 2021, e lançamento do segundo está previsto para o início de 2022.

No universo de Lore Olympus, os mortais vivem na Grécia Antiga, mas os deuses, como seres mais avançados, vivem em uma realidade parecida com a nossa, em que a tecnologia já está avançada e informatizada. Os humanos são retratados com tons de peles comuns, já os deuses têm outras cores de pele e cabelo, como azul, rosa, verde e roxo. Além disso, a história aborda temas muito atuais, como o estupro, saúde mental e relacionamentos abusivos.

Assim como na mitologia grega, Hades e seus dois irmãos, Zeus e Poseidon, dividiram os reinos do mundo entre eles, sendo Zeus o rei de todos os deuses, Poseidon o rei dos mares e Hades o rei do Submundo. Além de comandar o Mundo dos Mortos, Hades é um deus muito rico e um de seus poderes é criar pedras preciosas com as mãos, uma alusão ao seu epíteto Plutão, que significa “o rico”, em referência às riquezas que podiam ser extraídas e mineradas da terra. Hades é considerado como um homem mulherengo, assim como seus irmãos, e é o único dos três que não é casado. No começo da história, mantém um relacionamento complicado com Minthe, uma náiade, ou seja, uma ninfa de rios.

Perséfone é uma jovem de dezenove anos que cresceu com pouco contato com os outros deuses, pois Deméter, assim como em diversos recontos, é uma mãe superprotetora. A jovem deusa consegue convencer a mãe a deixá-la morar com Ártemis e a frequentar uma faculdade. Deméter cede, pois Ártemis faz parte do grupo *The Goddesses of Eternal Maidenhood*, composto por deusas que juraram se manter virgens para eternidade, grupo do qual Deméter quer que a filha seja membra.

Apesar de, no início, Perséfone parecer uma moça ingênua e doce, a história nos mostra que ela tem dois lados, como a Perséfone de Goofy Gods Comics. Antes conhecida pelo nome de Kore (a donzela) pelos mortais, a deusa comete um ato de violência que faz com que seu nome mude para Perséfone, que significa aquela que traz morte. Essa caracterização de Perséfone tenta mostrar as duas facetas da deusa, a jovem donzela filha de Deméter e a temível esposa de Hades. Assim como em Punderword, flores aparecem nos cabelos de Perséfone e ela faz o mundo florir quando se sente sexualmente excitada. Quando seus olhos estão vermelhos, seu lado mais sombrio está à tona.

Hades e Perséfone se conhecem em uma festa no Olimpo. Após alguns encontros, eles desenvolvem uma amizade e Hera, ao notar o interesse do

cunhado na jovem, faz com que ela se torne estagiária na Underworld Corp., a empresa de Hades que gerencia as almas do Submundo.

A autora retoma muitos aspectos das versões antigas do mito e presentes em “O Hino Homérico a Deméter”, como os poderes de Hades, a associação da romã com o Submundo, o fascínio que Perséfone exerce nos outros deuses, como Apolo, Hermes e Ares. Minthe, a amante de Hades antes do rapto, também faz parte da história e, como no mito, é transformada em menta por Perséfone em um acesso de raiva. Outros aspectos, no entanto, são alterados, como a questão do incesto, uma decisão feita para evitar a repulsa dos leitores e colaborar para que o casal ganhe o amor do público. Apesar disso, a diferença de idade entre Hades, que tem mais de 2000 anos, e Perséfone, que tem entre 19 e 20, é algo que divide a comunidade de fãs do quadrinho.

Na imagem abaixo, vemos Perséfone e Hades em uma foto que a deusa envia a seu amigo Eros. Em decorrência de seu ato de violência, Perséfone está sendo procurada pela justiça de Zeus, e Hades resolve abrigá-la em sua casa, na tentativa de salvar a amada de um julgamento extremamente severo, característico de Zeus.

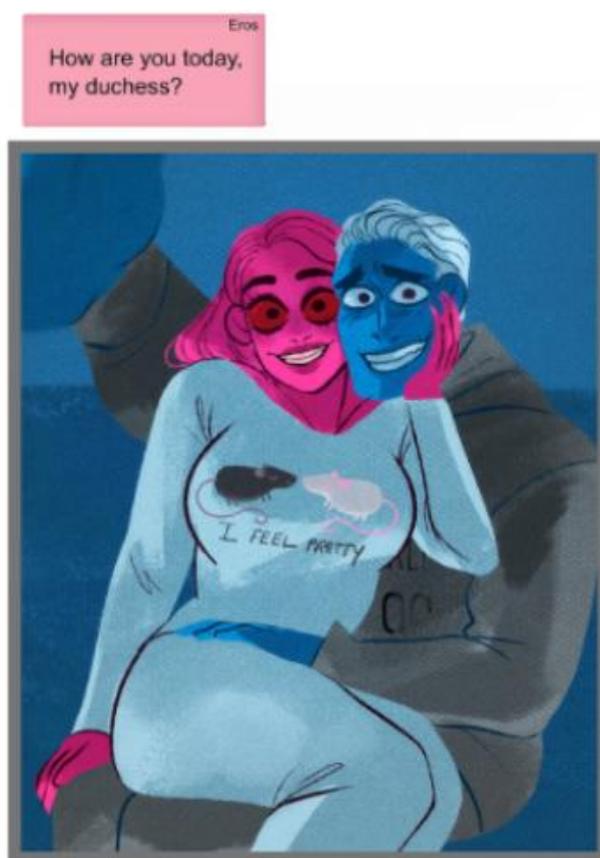




Figura 13: Hades e Perséfone tirando uma foto juntos, do quadrinho Lore Olympus, divulgado na plataforma Webtoon.²⁵

Assim como os demais recontos apresentados neste capítulo, Lore Olympus investe na interpretação de um relacionamento consentido entre Hades e Perséfone, em que os dois se apaixonam e decidem ficar juntos. Essa forma de construir a narrativa dá mais agência à deusa, e faz de uma história que poderia ser trágica, um romance com o qual o público se identifica e torce pelo casal. Isso se reflete no sucesso do quadrinho, tão grande que o tornou uma das webcomics mais acessadas da plataforma Webtoon, e possibilitou não só sua publicação em edição física, como também teve os direitos comprados para adaptação em animação, além de lançar produtos que podem ser adquiridos em lojas físicas e virtuais.



Figura 14: Produtos para fãs da webcomic Lore Olympus, disponíveis na loja Hot Topic.²⁶

²⁵ Disponível em: https://www.webtoons.com/en/romance/lore-olympus/s2-episode-165/viewer?title_no=1320&episode_no=170 . Acesso em 24 de nov. 2021

Tradução:

Eros: Como você está hoje, minha duquesa?

Perséfone: Olha só!! ♥♥♥♥

Perséfone: Não sei quanto tempo ainda poderei passar com ele assim, então é bom ter uma foto.

²⁶ Disponível: <https://www.hottopic.com/pop-culture/shop-by-license/lore-olympus/> Acesso em: 24 de nov. 2021

É importante destacar que esses três quadrinhos são postados semanalmente ou com certa regularidade. Eles são histórias em andamento, o que permite que os autores mudem o rumo do enredo de acordo com a aceitação ou a rejeição do público. Sendo assim, percebemos que o mecenato também exerce grande influência na produção desses recontos.

Embora não trate do rapto em si, o videogame Hades, a última tradução intersemiótica do mito de que trataremos neste trabalho, está diretamente relacionado ao mito, já que Zagreus, o personagem principal, é filho de Hades e Perséfone.

Hades foi lançado em setembro de 2020 e logo ganhou o coração dos gamers de todo o mundo. O jogo de RPG foi desenvolvido pela Supergiant Games e pode ser jogado na maior parte das plataformas e consoles presentes no mercado. O sucesso foi tão grande que Hades foi indicado e vencedor de diversos prêmios.

O personagem jogável é Zagreus, que tenta escapar do Submundo em direção ao Olimpo e, nessa aventura, conta com a ajuda de outros deuses da mitologia grega. O relacionamento de Zagreus e Hades é complicado, pois o rei do Submundo considera o filho fraco e por isso, uma decepção. O casamento de Perséfone e Hades acabou quando Zagreus nasceu e foi considerado morto, o que fez com que a mãe, movida pelo luto, deixasse o marido e o Submundo.



Figura 15: Poster do jogo Hades.²⁷

²⁷ Disponível em: <https://www.supergiantgames.com/games/hades/>. Acesso em 24 de nov. 2021

No jogo, Hades assume uma caracterização mais dura e pouco amigável, diferente das demais representações do deus. A cor predominante da vestimenta do personagem é o vermelho, talvez por uma associação entre o Inferno e o Submundo. Já Perséfone é retratada como uma deusa bondosa, suas roupas têm muitos detalhes em verde, associados às plantas, e ela usa um ramo de flores preso no cabelo.

A relação incestuosa entre Hades e Perséfone também é apagada aqui, já que Deméter, ao conhecer o neto Zagreus, conta a ele que o pai de Perséfone é um fazendeiro mortal, e não Zeus, como nas versões antigas do mito. Deméter e Hades também não são irmãos nesse universo. Além disso, durante o jogo, o jogador pode escolher se Zagreus terá um relacionamento amoroso com Megara, uma ex-namorada do personagem, ou Thanatos, o amigo de infância do príncipe do Submundo. O jogo também permite que Zagreus tenha um relacionamento poliamoroso com seus interesses românticos. Esse aspecto mostra como o videogame incorporou questões de sexualidade importantes para a nossa sociedade.

Ao olharmos para esses recontos intersemióticos, percebemos como o mito do rapto de Perséfone ainda continua sendo contado, traduzido e adaptado, e que esses recontos têm uma projeção bastante grande e positiva junto ao público, que ano após ano, se mantém fascinado por essa história.

Diferentes dos recontos discutidos no capítulo anterior, que parecem ser pensados para pessoas que possuem um interesse prévio em mitologia grega, e, por isso, procuram saber mais a respeito das histórias, essas traduções intersemióticas nem sempre tem esse público como alvo principal, já que não pressupõem um conhecimento ou um interesse prévio pelo mito. Modificados para trazer discussões atuais e caras à nossa sociedade, como saúde mental, diversidade sexual, consentimento e estupro, relacionamento abusivo, essas traduções atendem ao mecenato de nossa época, que pede que essas questões sejam abordadas nas obras, de modo a torná-las mais reais e gerar maior identificação do público. Isso se reflete também no apagamento das relações incestuosas de praticamente todas os recontos, principalmente no relacionamento entre Hades e Perséfone, que sempre conta com o consentimento de ambos.

É possível perceber também que, diferente das animações da Disney – tanto “A Deusa da Primavera” quanto “Hércules” – Hades não assume o papel de vilão. O mais perto que Hades chega de ser caracterizado como vilão é no videogame, em que ele tem uma personalidade mais dura e uma postura muitas vezes cruel em relação ao filho. De todo modo, ele ainda se distancia da representação de vilão intercambiável com o diabo cristão, presente nas animações da Disney. Nos quadrinhos, Hades tem uma personalidade mais tímida ou reservada, parece ser incompreendido pelos demais deuses e se mostra extremamente bondoso e gentil, ainda que capaz de atos violentos. Sendo assim, nota-se que as caracterizações de Hades e de Perséfone tentam se manter relativamente próximas daquilo que os gregos antigos entendiam como deuses: seres poderosos, cheios de vícios e virtudes que os tornam complexos, admiráveis e temíveis.

Ao se encaixarem à ideologia e à estética vigentes em nossa sociedade, essas traduções ganham o público e se tornam muito vendáveis. Isso evidencia como o sistema de mecenato proposto por Lefevere (2007) influencia e rege as reescritas de uma obra, fazendo com que elas se adequem ao contexto de produção, de modo a gerar um impacto positivo nos leitores que, conseqüentemente, faz com ela gere lucro. Assim, tanto as versões antigas dos mitos gregos quanto as reescritas e traduções ganham projeção e alimentam o sucesso e a perpetuação uma da outra.

Considerações finais

Neste trabalho abordamos questões relacionadas aos recontos do mito do rapto de Perséfone, seja em recontos em prosa como em traduções intersemióticas do mito. A partir da análise dessas reescritas do mito, buscamos perceber como eles foram modificados e traduzidos para se encaixar nas estéticas, nas ideologias e na economia de nossa sociedade.

No Capítulo I, abordamos a questão da fluidez e da variabilidade dos mitos, e como isso se reflete em suas traduções. Para pensar sobre isso, trouxemos a discussão sobre fidelidade e mecenato na tradução, mostrando que a tradução não é um espelho do texto original, mas passa por um processo de refração, como sugere Lefevere (2007), que faz que a imagem seja levemente distorcida, já que não existe equivalência direta entre as línguas. A refração também acontece quando a obra é adaptada, criticada, resumida, reescrita. Essas reescritas produzem imagens diferentes daquela original, e sofrem a influência de forças ideológicas, estéticas, econômicas e culturais do contexto em que são produzidas. É levando isso em consideração que produzimos a análise dos recontos escolhidos para esse trabalho.

No Capítulo 2, apresentamos brevemente a versão mais completa e mais antiga do mito, presente em “O Hino Homérico a Deméter”. A partir disso, trouxemos discussões de especialistas no mito a respeito do consentimento de Perséfone ao rapto e a se tornar esposa de Hades. Por permitir diversas interpretações, essas questões têm um impacto direto nas escolhas de reescrita e tradução do mito.

No Capítulo 3, quatro obras que tratam de mitologia, duas delas exclusivamente de mitologia grega, foram analisadas. As obras escolhidas tinham diferentes objetivos e público-alvo, o que refletiu na estrutura de cada reconto. Além disso, observamos como cada uma construiu a caracterização de Zeus e Hades, observando se houve influência do cristianismo, além de abordarmos as questões da romã, do rapto e de escolhas tradutórias e seus efeitos de sentido para o leitor em cada uma das obras.

No Capítulo 4, mais quatro obras foram escolhidas para serem analisadas: três quadrinhos e um jogo. Essas traduções intersemióticas do mito mostram como ele ainda é adaptado e readaptado em nossa cultura, e como em cada

reescrita, modificações são feitas para encaixá-las melhor nos valores e exigências de nossa sociedade e assim agradar ao público consumidor.

Essas análises nos permitem refletir sobre as diversas possibilidades de trabalhar mito e mitologia na sala de aula. Como a BNCC sugere, o mito pode ser objeto de estudo na área de Linguagens, de Ciências Humanas, Ciências Naturais e Ensino Religioso. Por abordar diversos aspectos da vida humana, a mitologia é também fonte rica para um trabalho interdisciplinar.

Assim, o estudo do mito e a reflexão sobre as reescritas e adaptações intersemióticas feitas a partir dele, além de ampliar o repertório artístico e cultural dos alunos e alunas, colaboram para o desenvolvimento do pensamento crítico, exercitado na tentativa de interpretar e entender como o mito e suas reescritas influenciam e são influenciados pela nossa sociedade.

O trabalho com a mitologia pode ser bastante frutífero, pois a mitologia é fonte rica que parece se estender a todas as áreas do conhecimento. Isso se dá pois os mitos tematizam questões essenciais para a experiência humana, como o amor, a morte, a história, a explicação de fenômenos naturais, além de serem muito fluidos. Flávio Ribeiro de Oliveira, em seu texto “O mito na tragédia grega”, de 2006, coloca que

Os relatos míticos vinham de tradições orais (que passaram a conviver com a escrita a partir do século 6 a.C.) e com inúmeras variantes, às vezes muito diferentes umas das outras. Essas versões divergiam conforme a época, conforme a região, conforme o gênero poético (...). É importante notar que essas muitas versões na verdade não são versões de um mito: são elas mesmas o próprio mito. Ao tomar seus temas desse material mítico difuso e complexo, o poeta grego tinha ainda liberdade para modificá-lo e introduzir inovações – do mesmo modo que um autor moderno, ao tratar de um tema da Mitologia Grega, pode trabalhá-lo com toda liberdade.

Para o autor, “o mito só faz sentido como fonte de criação artística se o autor pode ser infiel a ele”. E é essa infidelidade que é tão fecunda e cheia de possibilidades.

Deste modo, buscamos observar neste trabalho como o mito continua sendo fonte de criação, e continua a ter um caráter fluido, maleável, mutável, que é explorado em cada reescrita, em cada reconto e adaptação, mostrando que, ainda hoje, os mitos conseguem refletir não só a natureza humana, como também os valores de cada sociedade em que essas novas criações surgem.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. **Tradução &: perspectivas teóricas e práticas**. 1 ed – São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.

AMORIM, Lauro Maia. **Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling**. UNESP, 2005.

ARTHUR, Marylin. Politics and pomegranates: An interpretation of the Homeric hymn to Demeter. In: **The Homeric hymn to Demeter: translation, commentary and interpretative essays**. Princeton University Press, 2013. p. 212-240.

ASSUMPÇÃO, Gislaine Cristina. **Ritmo e significância nas traduções dos poemas de Guillaume Apollinaire**. 2017. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/330895>

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Editora Zahar, 2008.

BENNETT, Lucinda. **Pleasing the Crowds: Mythological Translations of Hades in Today's Media**. Maryland Institute College of Art, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução, reescrita e manipulação da fama literária de André Lefevere. Cadernos de Tradução, v. 1, n. 27, p. 321-326, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/122362>

CARVALHO, Thais Rocha. **Perséfone e Hécate: a representação das deusas na poesia grega arcaica**. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-16082019-133218/en.php>

CARVALHO, Thais Rocha. O Hino Homérico a Deméter e suas deusas. Curso de inverno da FFLCH – USP, 2020.

CHUGG, Andrew. **Is the Mother of Alexander the Great in the Tomb at Amphipolis? Part 4: An Explanation of the Mosaic.** Greek Reporter, 2014. Disponível em: <https://greekreporter.com/2014/10/15/is-the-mother-of-alexander-the-great-in-the-tomb-at-amphipolis-part-4-an-explanation-of-the-mosaic/>

DANIELS, Mark. **The Midas touch: World mythology in bite-sized chunks.** Michael O'Mara Books, 2013.

DANIELS, Mark. **A história da mitologia para quem tem pressa.** Tradução de Heloisa Leal. Editora Valentina, 2015.

DOWDEN, Ken; LIVINGSTONE, Niall (Ed.). **A companion to Greek mythology.** Wiley-Blackwell, 2011.

FARAONE, C. A. **Aphrodite's KESTOS and Apples for Atalanta: aphrodisiacs in early Greek myth and ritual.** Phoenix, vol. 44, n. 3, 1990, pp. 219-243.

FARAONE, C. A. **Ancient Greek Love Magic.** Cambridge: Harvard University Press, 1999.

FRY, Stephen. **Mythos: The Greek Myths Retold.** Penguin Random House UK, 2017.

FRY, Stephen. **Mythos: As melhores histórias de heróis, deuses e titãs.** Tradução Helena Londres. São Paulo: Editora Planeta, 2018.

GRAVES, Robert. **The Greek Myths: the complete and definitive edition.** Penguin, 2017.

GRAVES, Robert. **Os mitos gregos – Volumes I e II.** Tradução de Fernando Klabin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

HARD, Robin. **The Routledge handbook of Greek mythology:** Based on HJ Rose's handbook of Greek mythology. Routledge, 2004.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, SP: Cultrix, 2001.

JONES, Brandon F. **The Poetics of Legalism: Ovid and Claudian on the Rape of Proserpina.** Arethusa, vol. 52 no. 1, 2019, p. 71-104. Project MUSE, doi:10.1353/are.2019.0002. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/731625>

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária.** Trad. Claudia Matos Seligman. Bauru: EDUSC, 2007.

MILTON, John. Tradução e Adaptação. Tradução de Thaís Polegato de Souza. In: **Tradução & Perspectivas teóricas e práticas**. 1 ed – São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing translation studies: Theories and applications**. Routledge, 2016.

OLIVEIRA, Flávio Ribeiro. **O Mito na Tragédia Grega**. CULT, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-mito-na-tragedia-grega/>

BREMMER, Jan. **Interpretations of Greek mythology**. 1987.

PESTELL, Ben; PALAZZOLO, Pietra; BURNETT, Leon (Ed.). **Translating Myth**. Routledge, 2016.

RODRIGUES, Cristina C. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária de André Lefevere**. Resenhas de traduções. UFSC, Cadernos de Tradução. v. 1, n. 27, 2011, p. 321-326

SISCAR, Marcos. **A dificuldade de origem**. Revista Letras, v. 56, 2001.

STEPHENS, John. Retelling stories across time and cultures. In: **The Cambridge companion to children's literature**. Cambridge University Press, 2009. p. 91-107.

WILKINSON, Philip. **The Mythology book – big ideias simply explained**. DK, 2018.

WILKINSON, Philip. **O livro da Mitologia**. Tradução de Bruno Alexander. Editora Globo Livros, 2018.